

DIÁLOGO GLOBAL 2.3

“Assistindo” Tahir Samia Mehrez

Fórum da ISA em Buenos Aires Alberto Bialakowsky e Alicia Palermo

Migrantes Poloneses Ewa Palenga-Möllenbeck

O Debate Continua Jeffrey C. Alexander
Paulo Henrique Martins

- > O Estado lamentável da sociologia pós-soviética
- > Sociologia Maori na Nova Zelândia
- > Pobreza na Armênia pós-soviética
- > A história da *Current Sociology*
- > Nossos editores japoneses
- > A sala de aula global
- > Preconceitos eleitorais na ISA
- > *In Memoriam*: John Rex e Kurt Jonassohn
- > Sociologias ao redor do mundo: Colômbia, países turcos, Índia, e países do BRIC

NEWSLETTER



International
Sociological
Association



VOLUME 2 / E DIÇÃO 3 / FEVEREIRO 2012

DGN

eniu z Nie
agnął wy
pnia dob



ską Górny
aczna ne

> Editorial

Justiça social e democratização

Buenos Aires encontra-se em uma fase particularmente apropriada para o próximo Fórum da ISA com o tema “Justiça Social e Democratização”. Conforme Alberto Bialakowsky e Alicia Palermo, presidente e co-presidente do Comitê Organizador, e Henrique Martins, presidente da ALAS (Associação Latino-Americana de Sociologia) afirmam nesta edição do *Diálogo Global*, não só a América Latina vem cultivando movimentos progressistas por justiça social e democracia, como também os seus sociólogos vêm desempenhando um papel heróico nesses movimentos. Ao agirem assim, eles criam uma sociologia dinâmica e regionalmente distinta que será apresentada no Fórum.

“Justiça Social e Democratização” é apropriado não apenas para o lugar, mas também para o momento histórico. Samia Mehrez abre esta edição do *Diálogo Global* com reflexões sobre o aniversário da “Revolução de Janeiro” do Egito – enfatizando os seus múltiplos significados que circulam no Egito e no exterior. Os protestos em Tahrir, no Cairo, de fato inspiraram durante o ano uma onda global de movimentos sociais que defendem a justiça social e a democracia. Aparentemente do nada, os intrépidos movimentos se lançaram contra as ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia, na Síria, no Iêmen e inflamaram os movimentos europeus contra a austeridade fiscal, o que convergiu na Ocupação de Wall Street e acabou percorrendo os EUA e o mundo feito um bumerangue. Tampouco devemos nos esquecer dos grandes protestos em Israel, no Chile e, mais recentemente, na Rússia. As queixas podem ser nacionais, mas o movimento é global.

Esses não são tanto movimentos de explorados, embora estes tenham se juntado por fim, mas sim dos despossuídos – aqueles cuja existência é definida pela precariedade. Eles são movimentos de estudantes ou ex-estudantes ou, mais amplamente, da juventude alijada de seu futuro, de oportunidades para utilizar as suas habilidades e conhecimentos. Eles também incluem os movimentos de camponeses despojados de sua terra ou água – na China, Índia, Filipinas, Brasil, Bolívia e em outros lugares. Os movimentos de ocupação também enfrentaram cercos urbanos, lutando contra a polícia para assegurar os espaços supostamente públicos.

Ao passo que os movimentos de ocupação expõem um desafio simbólico para o capitalismo, eles também representam um desafio real para a sociologia. Estudos sobre a desigualdade não podem mais se ater aos 99%, mas devem também prestar muita atenção no 1%. Não podemos nos limitar à renda, devemos estudar a riqueza e como o 1% explora os 99% através, por exemplo, das várias formas de servidão escamoteadas em “dívida”. A sociologia política deve ultrapassar o foco da democracia eleitoral, que tem se mostrado incapaz de combater a injustiça social, incapaz de regular o capital financeiro. Os movimentos de ocupação se definem pela democracia participativa. Aqui também a América Latina é pioneira. Políticas de ajuste estrutural que destruíram as economias nos anos 1990 conduziram a uma década de contra-movimentos que vão muito além das ocupações de fábricas e dos espaços públicos na Argentina. Mais uma razão por que Buenos Aires é o lugar para se estar entre os dias primeiro e 4 de agosto de 2012.

Diálogo Global é publicada 5 vezes por ano em 13 línguas. Ele está disponível no [Facebook](#), e no [website da ISA](#). As submissões devem ser enviadas para Michael Burawoy: burawoy@berkeley.edu



“Assistindo” Tahrir. A “Revolução” egípcia de 25 de janeiro marcou uma nova era de protesto social. O aniversário é a ocasião para Samia Mehrez a pensar através de seus múltiplos significados, para diferentes públicos, tanto no Egito e além dele.



Desafios do Fórum da ISA em Buenos Aires. Organizadores locais, Alberto Bialakowsky e Alicia Palermo, falam sobre seus planos para uma conversa global sobre Justiça Social e Democratização em Buenos Aires.



Imigrantes poloneses. O desmembramento da União Soviética e seu Império lançou um fluxo de migrantes em toda a Europa Central e Oriental, refletindo o desenvolvimento desigual da área. Ewa Palenga-Möllenberg oferece uma análise pungente dos imigrantes poloneses para a Alemanha.



Cosmopolitanismo local. Continuando o debate sobre a sociologia internacional, Jeffrey Alexander mostra como o local e o cosmopolita estão inextricavelmente interligados.

> Corpo Editorial

Editor:

Michael Burawoy.

Editores Executivos:

Lola Busuttil, August Bagà.

Editores Associados:

Margaret Abraham, Tina eUys, Raquel Sosa, Jennifer Platt, Robert Van Krieken.

Conselho Editorial:

Izabela Barlinska, Louis Chauvel, Dilek Cindoglu, Tom Dwyer, Jan Fritz, Sari Hanafi, Jaime Jiménez, Habibul Khondker, Simon Mapadimeng, Ishwar Modi, Nikita Pokrovsky, Emma Porio, Yoshimichi Sato, Vineeta Sinha, Benjamin Tejerina, Chin-Chun Yi, Elena Zdravomyslova.

Editores Regionais:

Mundo Árabe:

Sari Hanafi, Mounir Saidani.

Brasil:

Gustavo Taniguti, Juliana Tonche, Pedro Mancini, Fabio Silva Tsunoda, Dmitri Cerboncini Fernandes, Andreza Galli, Renata Barreto Pretulan.

Colômbia:

María José Álvarez Rivadulla, Sebastián Villamizar Santamaría, Andrés Castro Araújo.

Índia:

Ishwar Modi, Rajiv Gupta, Rashmi Jain, Uday Singh.

Irã:

Reyhaneh Javadi, Shahrud Shahvand, Fatemeh Moghaddasi, Saghar Bozorgi, Jalal Karimian.

Japão:

Kazuhisa Nishihara, Mari Shiba, Yoshiya Shiotani, Kousuke Himeno, Tomohiro Takami, Yutaka Iwadata, Kazuhiro Ikeda, Yu Fukuda, Michiko Sambe, Takako Sato.

Polônia:

Mikołaj Mierzejewski, Anna Piekutowska, Karolina Mikołajewska, Jakub Rozenbaum, Tomasz Piątek, Julia Legat, Mikołaj Niziński, Anna Rzeźnik, Konrad Siemaszko, Patrycja Pendrakowska, Wojtek Perchuć, Adam Mueller.

Rússia:

Elena Zdravomyslova, Elena Nikofova, Asja Voronkova.

Taiwan:

Jing-Mao Ho.

Ucrânia:

Svitlana Khutka.

Consultores de mídia:

Annie Lin, José Reguera.

> Nesta Edição

Editorial – Justiça Social e Democratização **2**

> TRADUÇÕES TRANSNATIONAIS

“Assistindo” Tahrir

Por Samia Mehrez, Egito **4**

Desafios do Fórum da ISA em Buenos Aires

Por Alberto L. Bialakowsky and Alicia I. Palermo, Argentina **6**

Migrantes poloneses

Por Ewa Palenga-Möllenbeck, Alemanha **8**

> SOCIOLOGIA EM UM MUNDO DESIGUAL: O DEBATE CONTINUA

Cosmopolitanismo local

Por Jeffrey C. Alexander, EUA **10**

América Latina – Uma comunidade de destino?

Por Paulo Henrique Martins, Brasil **12**

> DAS REGIÕES

O lamentável estado da sociologia pós-Soviética

Por Victor Vakhshayn, Rússia **14**

Sociologia Maori na Nova Zelândia

Por Tracey McIntosh, Nova Zelândia **16**

Uma Nota sobre a “Nova Pobreza” na Armênia pós-Soviética

Por Gevorg Poghosyan, Armênia **17**

> COLUNAS ESPECIAIS

Esquina da História: A Vida Vigorosa da *Current Sociology*

Por Jennifer Platt, Reino Unido, e Eloísa Martín, Brasil **18**

Ensinando Sociologia: A sala de aula global

Por Larissa Titarenko, Bielorrússia, e Craig B. Little, EUA **20**

Política da ISA: Preconceitos contra as Associações Nacionais

Por Roberto Cipriani, Itália **22**

Apresentando os Editores: A equipe japonesa

23

> IN MEMORIAM

John Rex falece aos 86

Por Sally Tomlinson e Robert Moore, Reino Unido **24**

Kurt Jonassohn, 1920-2011

Por Céline Saint-Pierre, Canadá **25**

> CONFERÊNCIAS

Herança e Ruptura na Sociologia Colombiana

Por Patricia Jaramillo Guerra e Fernando Cubides, Colômbia **26**

Sociologia Turca em um Espaço da Eurásia

Por Elena Zdravomyslova, Rússia **28**

O Jubileu de Diamante da Sociedade Indiana de Sociologia

Por T. K. Oommen, Índia **30**

Estratificação Social nos países do BRIC

Por Tom Dwyer, Brasil **32**

> “Assistindo” Tahrir

Por Samia Mehrez, Universidade Americana no Cairo, Egito

Samia Mehrez é uma renomada professora de Literatura Árabe no Departamento de Civilizações Árabes e Islâmicas da AUC e Diretora do Centro para Estudos de Tradução. Eu a conheci recentemente no Cairo, onde ela me apresentou capítulos do seu eminente Traduzindo a Revolução Egípcia – narrativas excitantes sobre Tahrir, redigidas em conjunto com seus alunos. Eu a pedi que publicasse o trecho a seguir para a *Diálogo Global* - MB.



No momento em que esse artigo for publicado, um ano terá decorrido desde o início da insurreição de 25 de janeiro, que acabou por depor o antigo Presidente Hosni Mubarak, no Egito, em 11 de fevereiro de 2011. A rebelião promete reordenar, de muitas formas complexas, o futuro do Egito, tal como sua posição regional e mundial. Ao longo dos últimos meses, a insurreição de Janeiro – com sua contínua proliferação de narrativas, que oscilam entre *thawra* (revolução) e *inqilab* (golpe) - continua a resistir e a desafiar, ao menos no que tange aos egípcios, uma nomeação e classificação unitárias. Algo, contudo, permanece certo: 25 de Janeiro de 2011 e os

lendários dezoito dias subsequentes em Tahrir (sem mencionar as sucessivas ondas de confrontações violentas, manifestações em massa e protestos pacíficos persistentes) marcaram o início de uma nova vida histórica e simbólica para a *Midan AL-Tahrir* (a Praça Tahrir), que se tornou o ícone da insurreição egípcia em andamento e o barômetro para uma revolta de proporções nacionais que continua a transformar os egípcios de muitos modos significativos.

Por um tempo, após 25 de Janeiro, pessoas receram que a *Midan al-Tahrir*, onde centenas foram martirizados e milhares feridos e detidos, pudesse se converter em um espetáculo, uma

Uma grande faixa na praça Tahrir, marcando o aniversário da Revolução de 25 de janeiro pedindo a suspensão do general Hussein Tantawi (à esquerda), ex-presidente Hosni Mubarak (centro) e do ex-ministro do Interior, Habib al-Adly. Sob as forcas está escrito: “A Regra do Povo”. Foto por Mona Abaza.

simples demonstração de si mesma. Temeram que ela se tornasse, como meu colega Amr Shalakany declarou, “um lugar aonde você pode ir e ‘assistir’ a revolução, dar uma olhada nela, sentir um pouco de seu gosto e, então, voltar para casa em um fuso horário totalmente diferente”. De fato, pessoas foram “assistir a revolução” na *Midan al-Tahrir*, e muitos mais continuam a fazê-lo em casa, na frente





Samira Ibrahim mostra o sinal da vitória durante um comício em dezembro em apoio aos direitos das mulheres no Cairo, depois que ela processou os militares por testes forçados de virgindade em mulheres detidas.

comemorativo, ritualístico e festivo gerou e sustentou o nascimento da “República Independente de Tahir”, o espetáculo puro que trouxe milhões de egípcios às ruas e continuou a inspirar as manifestações nacionais em andamento. Um dos resultados mais radicais de se “assistir” a revolução em Tahir foi o entendimento que a Tahir (que significa “libertação”) não é apenas um local físico, como também um *estado e consciência coletivos*, pelos quais as demandas mais básicas da insurreição do Egito - ‘*ish*, *Huriya*, ‘*adala igtima’iya* (pão, liberdade, justice social) – continuam a acumular significação e traduções. Subsequentes e repetidos “espetáculos” de violência da CSFA, assim como violações e intimidações menos visíveis (testemunhos de espancamento, eletrocussão e mutilação de manifestantes, testes de virgindade em mulheres manifestantes detidas, treinamentos militares para civis, o assassinato de dezenas de manifestantes cópticos por veículos blindados militares, invasão de escritórios da mídia e de ONGs, assédio e prisão de repórteres estrangeiros, fraude de cédulas eleitorais, violação e desnudamento dos corpos de mulheres, etc.) circularam nas mídias sociais e nos canais privados de televisão via satélite desde o mês de fevereiro último.

Os contínuos episódios de violência despiram e desacreditaram o romance inicial entre o exército e a população. Entretanto, mais e mais egípcios sabem que a revolução continua não apenas no Egito e na região, mas de forma não menos significativa em múltiplas traduções globalizadas dos “espetáculos” de Tahir, todas ressoando por diferentes línguas: o povo demanda a queda do regime (*al-sha’b yurid isqat al-nidham*). ■

da TV e nas mídias sociais. Mas por esse processo de “assistir” muitos foram implicados como participantes ativos, e transformaram esse “olhar”, esse “espetáculo”, em uma ação revolucionária que produziu novas subjetividades.

Ao invés de suplantar a atividade política, o “espetáculo”, nesse contexto, tornou-se um modo de mobilização revolucionária e de radicalização. Realmente, as ondas sucessivas e os “espetáculos” da insurreição egípcia, tanto comemorativas quanto violentas – todas massivamente documentadas, disseminadas e distribuídas – causaram um impacto dramático e, sem dúvida, permanente. Os egípcios desenvolveram uma nova relação com o espaço (tanto público quanto privado, real e virtual). Adquiriram um recém-descoberto poder de propriedade sobre seus corpos, e se determinaram a exercitar seu direito à linguagem, tanto oral quanto escrita

Nos últimos 30 anos, o regime de Mubarak – um regime que, em grande parte, continua a ser reproduzido pela junta militar governante no Egito pós-Janeiro de 2011 – exerceu controle sobre o espaço público, sobre as políticas públicas e a cultura pública. Isso foi conseguido graças à aplicação de leis emergenciais que continuaram a legitimar a detenção e a tortura e a uma errática, mas implacável censura da liberdade de expressão. Mas isso não impediu a disputa permanente sobre a ocupação dos espaços públicos e a mobilização de protestos de massa.

Os múltiplos “espetáculos” da insurreição egípcia marcaram

imediatamente uma ruptura dramática com as políticas de intimidação do regime. Eles possibilitaram o início de uma era sem medo para os egípcios, que continuam a defender sua recém-conquistada liberdade e propriedade sobre o espaço, o corpo e a linguagem por uma miríade de práticas políticas e culturais criativas cuja semiótica, estética, e poética inspiraram insurreições paralelas em todo o mundo. Tais “espetáculos” – o último dos quais ocorrido em Tahir nas vésperas do ano novo, o primeiro na história do *midan* – têm servido para radicalizar os egípcios e para abastecer uma contínua e real mobilização coletiva. Essa mobilização prossegue, a despeito do enorme preço pago em vidas humanas e das contínuas tentativas contrarrevolucionárias tocadas pelo conselho militar governante e seus novos aliados, a Irmandade Muçulmana e os Salafistas, para exaurir a insurreição e voltar a intimidar os egípcios com uma política de medo e discriminação. De fato, esses “espetáculos” revolucionários induziram, no último ano, “contraespetáculos” encenados e de curta duração por parte de “apoiadores” de Mubarak e o dominante CSFA (Conselho Supremo das Forças Armadas), que somente confirmaram o poder dos primeiros e a transparência dos últimos.

Inicialmente, o “espetáculo” da insurreição egípcia explorou, radicalizou e revolucionou rituais da tradicional *mulid* – uma celebração popular do nascimento de uma figura espiritual venerada, cujos códigos de conduta são familiares a todos os egípcios, independentemente das divisões de classe. Esse método

> Desafios do Fórum da ISA em Buenos Aires: Combatendo um Mundo Desigual com uma Sociologia Igualitária

Por Alberto L. Bialakowsky e Alicia I. Palermo, Presidente e Vice-Presidente do Comitê Organizador Local, Fórum da ISA, Buenos Aires, Argentina, 2012

Preparações para o Fórum da ISA, a ser realizado em Buenos Aires, de 1 a 4 de agosto (2012) estão em andamento. Este processo –que começou com a seleção de Buenos Aires como sede– faz deste Fórum e desta cidade argentina o local e a culminação de um intercâmbio intelectual global em sociologia e ciências sociais. Ele é, talvez, o encontro mais significativo, tendo um escopo tão global, na América Latina em décadas. Sem dúvida, o potencial intelectual da América Latina é bem conhecido, assim como sua literatura; no entanto, este potencial ainda tem vários obstáculos a serem superados quando se trata de reconhecer seu papel crítico, coletivo e transformador. Este Fórum já pode ser caracterizado como uma grande oportunidade para o diálogo e a construção de pontes intercontinentais, e para enfrentar coletivamente os desafios científicos e sociais que nos inspiram, Norte-Sul e Sul-Norte também.

Gostaríamos de destacar três importantes aspectos do Fórum: em primeiro lugar, o tema do encontro, “Justiça Social e Democratização”; em

segundo, o papel dos “sujeitos” na produção do conhecimento científico e de transformação social; e em terceiro, a estrutura intelectual do próprio Fórum, que pode ser ignorada, mas, na verdade, dá corpo para tal encontro.

Em relação ao primeiro, reunir um tema e uma chamada para trabalhos sempre implica examinar especialidades e subcampos, mas isso deveria envolver também formular questões transversais a eles. O paradigma da *complexidade* tem facilitado a exploração de diversos pontos de vista, e nos tem permitido superar dicotomias tais como micro e macro, disciplinaridade e interdisciplinaridade. Neste sentido, é possível abordar múltiplos níveis e de diferentes ângulos, tentando enriquecer cada nível por sua própria conta, bem como através de trocas entre eles. Assim, “justiça social e democratização” aparecerão em subcampos específicos, concretos, tendo também múltiplos significados que transcendem os subcampos.

A história da sociologia é repleta de avaliações de justiça e desigualdade.

Algumas posições teóricas são mais simpáticas ao *status quo* enquanto outras adotam perspectivas mais críticas e promovem mudança social. Colocar o poder no centro da sociologia, entretanto, ajuda a reduzir a distância entre essas oposições. Em outras palavras, toda a sociologia implica algum tipo de utopia e uma práxis de biopolítica que motiva pesquisas e permeia – ainda que tacitamente– fundamentos teóricos, aplicações, e análises, bem como a transferência de conhecimentos.

Na sociedade global contemporânea, as agonias da crise sistêmica demandam novos esforços intelectuais para enfrentar a injustiça social, tanto no seio das sociedades quanto entre elas. A re-emergência do debate global sobre direitos humanos traz à tona a contradição entre o progresso significativo nas forças científicas e produtivas de um lado, e seu impacto sobre a equidade social por outro, entre a nossa relação com a natureza e o nosso entendimento da dinâmica planetária. Esforços para controlar essas forças opostas e garantir o seu delicado equilíbrio produzem um discurso que coloca em questão

>>

a superioridade do positivismo, a abordagem iluminista – um argumento apresentado pela Escola de Frankfurt e, mais recentemente, pelos autores da tradição latino-americana de “crítica e pensamento des-colonial”. O progresso científico não garante justiça social ou plena participação cidadã. Metaforicamente falando, as placas tectônicas da sociedade revelam a persistência da escravidão, pobreza, segregação étnica ou de gênero, genocídio e devastação ecológica.

Sem dúvida, a democratização não opera apenas no nível das sociedades, mas entre sociedades, entre a sociedade e a natureza, e mesmo entre as disciplinas. Mas o etnocentrismo, o antropocentrismo, e as múltiplas hegemonias apresentam desafios não só na condução de pesquisas sobre sociedades, mas também no próprio interior dos processos científicos de compreensão sociológica e descoberta. Referindo-se a “crítica epistemológica radical emergente da escola da América Latina de neo-dependência”, Sujata Patel (2010) escreve: “Teóricos como Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignolo elaboraram esta posição, argumentando que a universalização inerente à teoria sociológica é parte da geopolítica do conhecimento. A chave para esse processo é uma avaliação da modernidade e de sua relação com a teoria social”.

Em outras palavras, não é apenas uma questão de analisar questões objetivas em diferentes domínios de pesquisa, mas levantar a questão das assimetrias epistemológicas e teorizações hegemônicas. A abordagem dialógica das novas correntes teóricas nega a fixidez das assimetrias enraizadas em paradigmas da modernidade, e parte da idéia de que essas oposições podem ser superadas. Esta experiência tem sido ressaltada por analistas africanos. “A sociologia na

“o encontro mais significativo na América Latina em décadas”

Nigéria passou por vários períodos difíceis. Atualmente, o desafio mais urgente para os sociólogos na Nigéria, e na verdade na África, é desenvolver uma capacidade crítica, não apenas para explicar e interpretar a realidade social africana, reforçada por modelos endógenos que capturam a natureza do paradoxo e as tensões na estrutura social emergente, mas também o caráter de agência acionado por tal processo. Para conseguir isso, precisamos de uma mudança de paradigma” (Onyeonuru, 2010: 280).

De uma forma ou de outra, acreditamos, essa forma de pensamento expressa a necessidade de um novo paradigma dialógico com um intercâmbio científico correspondente a fim de estabelecer uma nova “ecologia do conhecimento” (De Sousa Santos, 2010). No contexto de crises sucessivas, os sociólogos podem oferecer críticas e propostas de mudança para as quais a compreensão intercontinental é essencial. Isto não implica, porém, dispensar o pensamento endógeno, nem que deixamos de aspirar a debater com um horizonte planetário.

Contra um cenário de desigualdades sociais e um mundo em constante movimento, os sociólogos têm muito a contribuir, tanto em explicar e compreender esta realidade quanto na sua transformação. A crise mundial

está afetando cada vez mais amplas e diversas frações da sociedade nos seus mais variados contextos. Podemos apoiar as demandas cada vez mais expressivas e múltiplas lutas de grupos afetados agora e no futuro, tanto no Hemisfério Norte quanto no Hemisfério Sul.

Isto nos leva a questionar: Pode o Fórum da ISA 2012 enfrentar estes desafios? Sem dúvida, como uma estrutura única, ele pode enfrentá-los. De fato, o Fórum pretende ser um instrumento de diálogo e um espaço para pensar em conjunto e assim, aprofundar estes debates. Como uma força social e intelectual – como um simpósio e um lugar de encontro – ele tem a possibilidade de avançar a análise social global através do intercâmbio criativo. Realmente, ele forma uma comunidade crítica e reflexiva e, portanto, parte do *intelecto geral*, um intelecto que é ao mesmo tempo coletivo e público.

Estamos comprometidos em lutar por um encontro intenso e fraternal. Esperamos organizar – de uma forma conjunta e partilhada – uma combinação de debates e trocas dentro e entre os Comitês de Pesquisa, Grupos Temáticos e de Trabalhos, nas Sessões Conjuntas bem como nas Plenárias e Fóruns Públicos. ■

Referências

De Sousa Santos, B. (2010) *Para descolonizar Occidente. Más allá del pensamiento abismal*. Buenos Aires: CLACSO-Prometeo-UBA.

Onyeonuru, I. P. (2010) “Challenges of Doing Sociology in a Globalizing South: Between Indigenization and Emergent Structures” Pp.268-281 in Michael Burawoy, Chang Mau-kuei, and Michelle Fei-yu Hsieh (eds.) *Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology* (Volume I). Institute of Sociology, Academia Sinica, Taiwan, and Council of National Associations of the International Sociological Association.

Patel, S. (2010) “The Imperative and the Challenge of Diversity: Reconstructing Sociological Traditions in an Unequal World” Pp.48-60 in Michael Burawoy, Chang Mau-kuei, and Michelle Fei-yu Hsieh (eds.) *Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology* (Volume I). Institute of Sociology, Academia Sinica, Taiwan, and Council of National Associations of the International Sociological Association.

> Migrantes Poloneses: Migrantes Transnacionais Engenheiros ou *Guest Workers*?

Por Ewa Palenga-Möllenbeck, Universidade de Frankfurt, Alemanha



A estreita associação da Alta Silésia com a Alemanha tem uma longa e bem lembrada história. Neste desenho pós-Primeira Guerra Mundial, a Alta Silésia é descrita como dividida entre a Polónia (representada pela pobreza da mulher com o bebé) e Alemanha (representada pela prosperidade de casas e fábricas do país). Até hoje muitos habitantes sentem-se preso entre dois mundos. O desenho original é mantido no Imperial War Museum, em Londres, Reino Unido.

Desde a década de 1990, uma nova abordagem vem ganhando espaço nos estudos migratórios. Enquanto o paradigma clássico via a migração como um evento único na vida que levaria ao final à assimilação na sociedade de destino, ou a um retorno permanente, a pesquisa sobre migração “transnacional” ressalta que migrantes podem manter laços em mais de uma sociedade nacional. Esta abordagem foi desenvolvida com base na experiência norte americana, mas fenômenos similares podem ser encontrados na Europa. Um desses casos é a migração de curta duração da Alta Silésia para a atual Polónia, mas que antes da Segunda Guerra Mundial era uma zona fronteira entre a Polónia e Alemanha que com frequência desafiava po-líticas nacionais.

Devido ao princípio do *ius sanguinis* que fundamenta a lei alemã de cidadania, muitos habitantes desta região têm direito à cidadania alemã, independentemente de terem quaisquer laços sociais ou culturais com a Alemanha, e sem a necessidade de abrir mão de sua nacionalidade polonesa. Desde a década de 1990, pessoas com dupla cidadania fizeram uso desta brecha para ter acesso ao mercado de trabalho alemão, que permaneceria fechado aos cidadãos poloneses até 2011. Enquanto muitos silesianos se fixaram permanentemente na Alemanha, centenas de milhares

>>

deles preferiram manter uma residência permanente na Polônia e se deslocar periodicamente para trabalhar na Alemanha. Desta forma, conseguiam alcançar um padrão de vida que estaria fora de seu alcance se dependessem do mercado de trabalho polonês.

O caso dos silesianos com dupla cidadania mostra que ter privilégios legais não os transforma automaticamente em “migrantes transnacionais”. A maioria se adaptou permanentemente a um estilo de vida móvel, mas isso não significa que são transmigrantes no sentido estrito de “pessoas com pés em duas sociedades”. Com igual frequência, encontramos outro tipo de migrante que, embora permanentemente móvel, mantém laços exclusivos com sua sociedade de origem. Isto é um pouco surpreendente. Afinal, à primeira vista, tais migrantes poderiam se tornar transmigrantes devido à sua herança cultural (bilinguismo, migração como tradição etc.), seus privilégios legais (dupla cidadania) e, finalmente, por trabalharem em ramos relacionados à migração (empresas que operam transnacionalmente, prestadores de serviços etc.).

Contudo, a realidade se mostra mais complexa. Por um lado, por terem dupla cidadania, esses migrantes têm mais oportunidades de emprego – eles podem trabalhar em período parcial ou integral na Alemanha assim como ter uma pensão, um emprego permanente, ou treinamento na Polônia. Isto lhes dá um escopo de ação e um planejamento de carreira que se aproxima dos não-migrantes “assimilados” na Alemanha. Por

outro lado, é precisamente o alto grau de segurança na Polônia que encoraja a migração constante e desencoraja sua assimilação na sociedade de destino. Assim, eles permanecem em uma ponta de um continuum, enquanto na outra estão os migrantes ilegais que são forçados a se assimilarem para evitar serem presos e deportados. Seu desconhecimento da língua e da sociedade alemãs faz com que estes cidadãos “legalmente alemães” sejam completamente dependentes das empresas que os enviam. Como o gerente de um grupo de migrantes disse: “Eles sabem que têm alguém que cuida deles (...). Eles querem trabalhar, ganhar dinheiro, e só (...). Eles sentem que ter um passaporte vermelho [alemão] é tudo de que precisam, e que somente precisam ganhar dinheiro, e só.”

Estes cidadãos duais descritos são mais parecidos com os trabalhadores convidados (*guest workers*) facilmente explorados da década de 1950 que com os engenhosos atores que negociam as demandas de duas sociedades nacionais com a mesma desenvoltura. Contudo, tais atores engenhosos existem entre os migrantes silesianos: eles têm o domínio da língua e capital cultural, qualificações profissionais e capital social que lhes possibilitam transitar com facilidade entre os mercados de trabalho nacionais. As razões pelas quais alguns migrantes se tornam atores engenhosos na sociedade de destino, enquanto outros permanecem *guest workers* dependentes são complexas e não podem ser discutidas detalhadamente aqui. Um fator que poderia ser destacado, que favorece o “estilo de vida *guest worker*”, é a existência de uma indústria de

migração transnacional que oferece muitas oportunidades de emprego e encoraja a mobilidade, mas que ao mesmo tempo tira as vidas dos migrantes de suas próprias mãos, assim limitando tanto as oportunidades e a necessidade de interagir diretamente com a sociedade de recepção.

A ascensão de tal indústria migratória acompanha uma importante transformação que pode ser observada em todos os países industrializados: o declínio da “relação padrão de emprego” e sua substituição por emprego precário e atípico. Assim, empregos de curta duração e de meio período predominam entre migrantes silesianos, que com frequência os combinam com outros empregos precários, educação ou mesmo empregos permanentes na Polônia. Como é o caso com outras transformações societárias de larga escala, é difícil identificar causa e efeito, vencedores e perdedores. Por um lado, o trabalho precário na Alemanha encoraja este tipo de migração ou a torna possível. Por sua vez, ele contribui ainda mais com a precariedade das vidas dos migrantes. Por outro lado, este processo é muito mais avançado na Polônia, onde a passagem de uma economia planejada para uma “pós-industrial” foi quase instantânea, com um impacto sobre o mercado de trabalho que fez a migração de curta duração parecer atraente ou inevitável. Assim, vemos que, no mundo de hoje, a migração assume muitos padrões surpreendentes e fascinantes que desafiam os antigos modelos de assimilação. ■

> Cosmopolitanismo Local

Por Jeffrey C. Alexander, Universidade de Yale, EUA, último presidente do Comitê de Pesquisa da ISA em Teoria Sociológica (RC16) e ganhador do prêmio Mattei Dogan Foundation Prize da ISA, 2010



Aqui estão duas representações estéticas contrastantes da natureza, uma chinesa e outra americana. Nenhum deles é baseado na experiência nativa, no entanto, cada um é estilizado por um longo cosmopolitanismo, bem como tradições locais e estilos. Em outras palavras, a arte nunca representa a natureza objetivamente, mais do que a sociologia representa a sociedade de forma transparente.

Este debate entre Piotr Sztompka e Michael Burawoy é recompensador e é há muito tempo necessário. Eles estão entre os melhores teóricos da sociologia mas, paradoxalmente, seu diálogo é importante não porque ele está repleto por rápidas novas idéias. Pelo contrário, suas divergências são experimentadas e comprovadas, assim como o próprio pensamento social. É precisamente porque estas questões não desaparecerão que o debate entre eles de tempos em tempos deve ser aprimorado e renovado.

A sociologia aspira racionalidade, universalismo e generalização teórica. Entretanto, enquanto esses

temas representam realizações espetaculares das ciências naturais, eles nunca podem ser mais do que uma aspiração para as ciências humanas, como Wilhelm Dilthey explicou há mais de um século atrás. Assim como a arte, a sociologia está arraigada em e reflete sobre as condições locais de experiência de vida. Isto não significa, entretanto, que a sociologia é praticada de maneira puramente local e auto-referenciada.

Importantes pinturas sempre foram estilizadas por tradições estéticas que transcendem os estilos dentro dos quais as tentativas locais encontram seu modo de expressão. Na China Imperial, essas estilizações externas vinham das assim cha-

>>

madras tradições clássicas. Na emergente arte moderna ocidental do século XIX, pintores europeus fizeram contínuas referências ao que eles chamavam de tradição moderna. Aqueles que desejavam constituir uma vanguarda nacional se esforçaram para hifenizar as tradições locais com a estética extra-nacional cada vez mais centrada em Paris, e frequentemente deixavam seus locais para residir na *cosmopole*, a própria Paris.

Não é diferente com a sociologia. Assim como a arte, as sociologias são “locais” porque elas crescem a partir das tentativas de interpretar as experiências sociais de uma comunidade em um determinado tempo e lugar. As sociologias americana, britânica, francesa e alemã não são exceções. Cada uma delas é diferente das demais, e cada diferença reflete as experiências do tempo e do espaço que determina o que é mais necessário para ser sociologicamente conhecido.

Nós aprendemos muito lendo as sociologias nacionais, sobre quais principais preocupações nacionais demandam interpretação, sobre lutas de poder nacionalmente situadas e significados culturais nacionalmente contestados. Nós podemos aprender tudo isso, é claro, apenas quando os escritos sociológicos são traduzidos em um pequeno número de idiomas relativamente comuns, seja via conferências ou material publicado. É essa tradução em idiomas trans-nacionais que permite o crescente conhecimento sobre o local e o concreto.

No entanto, não mais do que a arte, os esforços sociológicos localmente situados podem ser facilmente conceitualizados como produtos de tempos e lugares concretos. Sociologias nativas dificilmente são nativas. Elas são mediadas por tradições intelectuais extra-locais de nações e por tradições

intelectuais e religiosas globais que têm reconstituído continuamente identidades regionais e nacionais ao longo dos séculos. Sim, há tradições sociológicas chinesas, taiwanesas, indianas, coreanas e japonesas, e elas representam fontes profundamente estimadas de conhecimento local e reflexão. Mas esses esforços raramente são reflexos das condições locais! Os sociólogos locais produzindo tais estudos são produtos de instituições globalizadas de ensino, desvencilharam-se e ampliaram seus conhecimentos aos clássicos regionais e internacionais, e compreendem suas sociedades locais sob formas cosmopolitas e descentralizadas.

É a existência desses “cosmopolitanismos locais” que torna cada praticante da sociologia, não importa quão localmente situado, comprometido com os padrões de validade extra-pessoais, com os critérios de confiabilidade que transcendem seu local institucional de filiação e situação social. Talvez seja apenas um ligeiro exagero sugerir que cada sociólogo no mundo tem aspirações racionais. Ninguém permite que seus colegas reivindiquem o manto da veracidade simplesmente porque seus trabalhos são energeticamente direcionados a problemas locais, muito menos porque seus colegas são, assim como ele, africano, indiano, mexicano ou chinês em origem. A sociologia é reflexiva porque é descentralizada. A sociologia é reflexiva ou não é absolutamente nada.

O mesmo ocorre com a arte. Na maior parte do século XIX, a pintura norte-americana foi em grande parte excluída dos circuitos europeus; cheia de orgulho e provinciana, ela é entendida hoje, e às vezes valorizada como folclórica e “ingênuas”. Como os Estados Unidos se desenvolveram no final do século XIX, pintores aspirantes viajaram para a Europa, em sua grande maioria para Paris, e na primeira metade do século

XX locais recém-cosmopolitas da América produziram distintas, porém derivadas versões da Escola francesa. Somente quando os Estados Unidos emergiram como uma potência preeminente depois da Segunda Guerra Mundial a pintura americana se firmou, tornando-se histórico-mundial por si mesma. A “Escola de Nova York” estabeleceu uma nova estética global. No entanto, embora fisicamente localizado na grande metrópole norte-americana, o Expressionismo Abstrato dificilmente poderia ser visto como local, como se refletisse tradições indígenas americanas. Ele marcou, em vez disso, uma extensão da estética moderna que se forjou na Europa, e que tinha ele próprio, 50 anos antes, sido criticamente formado pela incorporação de temas estéticos japoneses, africanos e aborígenes pré-colombianos.

Assim será com a sociologia. Temos sorte de estar numa era em que a modernização extraordinária de sociedades não-ocidentais está permitindo a elas desafiar a hegemonia ocidental pela primeira vez em cerca de 500 anos. Eventualmente, este processo de múltiplas modernidades é obrigado a desafiar, não somente a proeza econômica e o poder militar ocidentais, mas suas teorias e métodos sociológicos hegemônicos. Quando esses pensadores chineses, ou indianos, ou coreanos e sul-africanos, ou russos derrubam suas luvas de proteção teóricas e metodológicas, no entanto, eles farão não como espécies indígenas. Suas obras serão produtos de séculos de intensa globalização intelectual intensa.

Não é de sociologias particulares que um novo “universal” vai surgir. Nem na sociologia ou na arte há características reais. Também não há “universais” verdadeiros. Não há nenhum dos dois e nem ambos ao mesmo tempo. ■

> América Latina

Uma comunidade de destino?

Por Paulo Henrique Martins, Universidade Federal de Pernambuco, no Brasil, e Presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia

A globalização está criando novos espaços de produção de conhecimento que estão mudando a tradicional divisão intelectual do trabalho dominado pela Europa como o centro privilegiado para pensar sobre a modernidade. Para alguns autores, como Arjun Appadurai, o “terceiro mundo” não funciona mais como um moinho de dados para o “norte”, e, como resultado, o “norte” perdeu a sua hegemonia como o produtor de ideias para o “sul”. Essa nova visão da globalização aparece como uma pluralidade de campos, construindo conhecimento sociológico através de complexos processos geográficos que ultrapassam as fronteiras nacionais, sem eliminar as nações como um lócus de produção de conhecimento.

Pensando especialmente sobre a América Latina, a globalização do conhecimento está contribuindo para uma mudança importante nos fundamentos epistemológicos da sociologia acadêmica. No primeiro período, entre 1940 e 1980, o pensamento crítico foi, em grande medida, condicionado pela representação da globalização como dependência econômica e política. Isso se reflete nas duas principais correntes de pensamento da época. A primeira foi o estruturalismo,



inspirado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), uma instituição, fundada em 1948, para pensar o desenvolvimento econômico regional. Entre seus principais teóricos estavam dois economistas, o argentino Raúl Prebisch e o brasileiro

Celso Furtado, que defenderam a importância do Estado como agente de desenvolvimento para combater a deterioração dos termos de troca do comércio internacional nos países que produziam matérias-primas. A CEPAL trouxe a distinção centro-periferia para o debate



sobre desenvolvimento. A segunda corrente foi a teoria da dependência, articulada por autores como Theotonio dos Santos, R. M. Marini, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, entre outros, e desenvolveu os aspectos políticos da análise da CEPAL sobre as relações centro-periferia. Eles argumentavam que a superação da dependência requeria a articulação de alianças particulares entre burguesia nacional, burguesias internacionais e diversas classes populares.

Em tempos mais recentes, dos anos 1980 até o presente, a sociologia incorporou diversas compreensões da globalização. Por um lado, há os neoliberais que argumentam que a globalização econômica seria eliminar as diferenças entre o “centro” e a “periferia”, levando ao declínio das sociedades nacionais e ao fortalecimento da uniformidade econômica, financeira, tecnológica e cultural. Neste discurso de uniformidade, influenciado por teorias econômicas abstratas, a sociologia negligencia a importância da política e das diferenças culturais, hipervalorizando o consumo global. Para os neoliberais, o discurso sobre a dependência está desatualizado. Por outro lado, há os teóricos da pós-dependência, que afirmam que as relações de dependência estão sendo reorganizadas como uma forma de “colonialismo” do poder e do conhecimento, repensando as contradições entre as “sociedades ricas” e as “sociedades pobres” do sistema mundial. Teóricos do “colonialismo” percebem a impossibilidade de adotar teorias eurocêntricas sem considerar as particularidades sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas das

“relações de dependência estão sendo reorganizadas como uma forma de ‘colonialismo’”

sociedades do “sul”. Essa segunda tendência de pensamento “pós-colonial” latino-americana reconhece o confronto histórico do colonialismo e do anticolonialismo, mas também traz à tona novos meios de controle e dominação em escala global.

As teorias pós-coloniais da América Latina não consideram os termos “colonialismo” e “anticolonialismo” como meros legados históricos do “Ocidente”. Para elas, essas expressões são os elementos de uma estratégia cognitiva e linguística, implicada naquilo que Boaventura de Sousa Santos, e outros, chamam de “zona de contato”, necessária para compreender as diversas experiências e ideias inseridas no sistema mundial. O colonialismo e o anticolonialismo funcionam como duas superfícies no espelho da globalização, mediando a tradução de informações, imagens e ideias entre “norte” e “sul”. Para esses autores, a globalização envolve um processo complexo de tradução operacional em fóruns e movimentos globais, em publicações internacionais e, em associações internacionais, como a ISA e a LASA (Associação Latino-Americana de Sociologia). Nesses contextos, os elementos políticos, morais, estéticos, éticos e linguísticos da vida social prosperam, gradativamente, incrementando no-

vas modalidades de intercâmbio entre os diversos centros de produção de conhecimento. O prestígio de tais autores latino-americanos como Casanova, Quijano, Lander, bem como figuras do norte como Immanuel Wallerstein, demonstram que novas teorias do colonialismo estão ganhando terreno.

Finalmente, devemos lembrar que sociedades pós-coloniais não foram objeto de forças culturais, históricas e políticas uniformes dentro do processo colonial da globalização. De fato, propomos que uma das particularidades da sociologia acadêmica na América Latina é uma expectativa compartilhada por muitos intelectuais de que esta região pode se tornar uma possível comunidade de destino. Através dessa lente, deve-se notar que a expressão “América Latina” é simbolicamente incorreta, pois enfatiza uma comunidade linguística formada através do colonialismo, ou seja, “latinos”, o que exclui outras comunidades de importância histórica como os povos indígenas, os ex-escravos de origem africana e os imigrantes europeus e asiáticos não-latinos. A compreensão da América Latina como uma possível comunidade de destino é uma utopia ganhando força, que estimula o intercâmbio acadêmico e que dá unidade a uma sociologia regional. ■

> O estado lamentável da sociologia pós-Soviética

Por Victor Vakhshayn, Escola Moscovita de Ciências Sociais e Econômicas, Rússia



Ecoss da era soviética no terceiro Congresso Russo de Sociologia de 2008

Ao longo dos últimos anos, o espaço intelectual da sociologia russa tornou-se um campo de batalha. Têm-se a impressão de que dois a cada três escritos sociológicos de hoje são sobre a própria Sociologia: a Sociologia da Sociologia tornou-se, se não parte da pesquisa dominante, ao menos um tema de preferência para o debate público. O colapso da União Soviética e “a necessidade de estudar a transformação social” não são mais a única base legítima para estudos nas Ciências Sociais. Agora que a infância pós-soviética das Ciências Sociais está superada, uma hiper reflexividade, quase obsessiva, substituiu décadas de pensamento carente de reflexões.

> A Linguagem Neossoviética

Faz sentido examinar o panorama da linguagem sociológica precedente às guerras recentes. O Terceiro Congresso Sociológico de Toda a Rússia, de 2008, é um bom lugar para começar. O Congresso cristalizou modelos de vacuidade estilística da linguagem neossoviética: “Para as demandas do desenvolvimento estável da sociedade, faz-se necessário prover pesquisa sociológica aplicada de alta qualidade”, ou “(...) a Sociologia atual depara-se com a tarefa de estudar a demanda da sociedade por segurança social, psicológica, econômica, energética, sinérgica, e de outras formas de segurança”. Considere-se, por exemplo, os resultados de uma pesquisa administrada junto a 2500 participantes do Congresso. Ela revela que 73% dos respondentes (que correspondem a cerca de um quarto do total de participantes) eram proficientes em uma língua estrangeira com o auxílio de um

dicionário; 40% estavam empregados no governo, e uma proporção similar estava empregada no mundo dos negócios em algum momento após o ano de 2000; 66% liam, principalmente, o periódico *Socis*; o livro didático mais popular era o editado por V. Dobren'kov e A. Kravchenko; entre autores estrangeiros, os mais frequentemente mencionados foram Zygmunt Bauman e Piotr Sztompka.

Questionados sobre as definições para a Sociologia, a resposta mais popular foi a que “Sociologia é a ciência da sociedade”, e quando questionados a respeito do que seria a sociedade, a maioria não respondeu - e, entre os que o fizeram, a definição majoritária dizia que “a sociedade é um *socium*”. Essas tautologias são a semântica de conservadores, para quem a Sociologia é uma tecnologia social, com valor para o Estado. Se a teoria é necessária,



deveria ser a teoria russa, endereçada a preocupações nacionais. No Congresso, acusações foram direcionadas contra “alguns sociólogos liberais” que “eram pagos pelo Oeste” para instigar “revoluções laranjas”. O Congresso demonstrou que uma linguagem neossoviética consolidada estava em processo de formação, com seus códigos, mecanismos de estabelecimento de consensos, axiomáticas compartilhadas e a lógica de tautologia que lhe são distintos

> A Linguagem Antisoviética

Agora, voltemo-nos a linguagens alternativas da Sociologia. Aqui, não se pode simplesmente ignorar o simpósio Caminhos Russos, por dezoito anos um dos mais notáveis e regulares eventos nas Ciências Sociais. Dos materiais publicados a partir dele (1993-2008), pode-se ver o quanto seus códigos de linguagem e metáforas “antisoviéticos” se tornaram ainda mais herméticos. Dessa maneira, é interessante traçar o significado da “transformação”, conforme ela passa de um conceito para uma metáfora virtualmente capaz de descrever qualquer coisa. De modo similar à linguagem neossoviética, possui suas próprias pretensões axiomáticas, aceita por todos e sem requerer provas. Primeiramente, abraça uma postura crítica com relação à linguagem rígida da Sociologia soviética e sua herdeira – o discurso ambíguo neossoviético. Em Segundo lugar, adota, explicitamente, ideais estatais: a Sociologia de-veria servir ao progresso – uma sociedade cívica, a democratização e a liberalização. Em terceiro lugar, enfatiza a importância do trabalho empírico, isto é, da sociografia, com sua descrição habilidosa dos “verdadeiros problemas da sociedade russa”. A contínua insistência nos “verdadeiros problemas da sociedade” revela um realismo ingênuo sobre a sociedade, vista como uma entidade objetiva, com seus problemas e doenças ímpares, impondo uma agenda aos pesquisadores. De modo similar a Galileu, que assumiu que o “Livro da Natureza” é escrito na linguagem dos

matemáticos, os realistas ingênuos assumem que o “Livro da Sociedade” é escrito na linguagem da Sociologia – aliás, na linguagem da sua Sociologia.

A semântica de *Caminhos Russos* mudou substancialmente desde os quinze anos de sua publicação. Iniciando-se com debates tempestuosos sobre o futuro da Rússia, em meados dos anos 1990, o *Caminhos Russos* perdeu sua energia radical no final da mesma década, desenvolvendo uma “crítica liberal” ao regime. Ainda assim, apesar da evolução de sua retórica, a descrição basilar permaneceu inalterada, notadamente “Isso não é o que deveria ser”, que, nos anos 1990, soava como “Isso ainda não é o que deveria ser”, e nos anos 2000 soou como “Isso é totalmente diferente do que deveria ser”.

> Uma Convergência Pós-Soviética

Assim como a *tautologia* é a principal fórmula para as linguagens “neossoviéticas”, o *paradoxo* é a fórmula principal para as linguagens “antisoviéticas”, destacando a lacuna entre “o que é” e “o que deveria ser”. Minha tese central é que não há diferença entre as duas linguagens – ambas são profundamente soviéticas.

1. Cultura da suspeita. As duas formas de fala compartilham uma suposição: “Por trás de qualquer conhecimento se impõem interesses políticos”. Qualquer coisa que você diga não é o que você pensa, e a linguagem que você usa reflete os interesses políticos que você serve. Desse modo, qualquer teoria é vista do ponto de vista de seu “resultado”, isto é, daquilo que visa alcançar.

2. Engajamento. No interior da linguagem neossoviética a Sociologia depende do Estado e a pesquisa é substituída pela tecnologia social, enquanto a semântica antisoviética assume que a ciência serve aos interesses do progresso – note-se, o interesse do progresso, mas não da

ciência em si. Não existe qualquer noção de “conhecimento pelo bem do conhecimento”, nem da ideia weberiana da ciência enraizada em seus próprios valores, com o conhecimento provendo sua própria motivação. Em ambas as formas de pensamento pós-soviético, o conhecimento deve ser orientado a solucionar problemas agudos.

3. Nacionalismo teórico. Embora à importação de qualquer herança teórica “do oeste”, a menos que já esteja enraizada em nosso solo. A palavra “solo” pertence, certamente, à linguagem do Terceiro Congresso Sociológico. A linguagem do Caminhos Russos apresenta outra metáfora de intensidade – “álamos da pátria”. Assim, a aversão às ideias teóricas importadas é um denominador comum dos métodos neossoviéticos e antisoviéticos de descrição.

4. Ausência de reflexividade. Há apenas alguns anos, os “conservadores” e os “liberais” rejeitaram igualmente a reflexividade metodológica. Nela, viram um “desvio pós-moderno”, isto é, uma tentativa de desvio da sagrada tarefa de estudar “a realidade como ela realmente é”. Hoje, a situação se alterou brutalmente, com cada um dos lados se esbaldando de reflexividade, o que não passa de outra reação exagerada que bloqueia o desenvolvimento da Sociologia russa.

É certo que essas duas semânticas, tautológica e paradoxal, não cobrem inteiramente o espectro pós-soviético. Existiram outras linguagens, mas elas emergiram fora do espectro teórico mais relevante ou muito além das fronteiras de Moscou (em São Petersburgo, por exemplo). Enquanto no mundo mais amplo os defensores da sócio-análise, da análise de estruturas, da fenomenologia e da etnometodologia lutam por uma vantagem científica, na Rússia a fala sociológica tornou-se semelhante a um jornalismo politicamente engajado. ■

> Sociologia Maori na Nova Zelândia

Por Tracey McIntosh, Universidade de Auckland, Nova Zelândia

A Nova Zelândia é um estado colono. Ela tem um passado colonial que deve enfrentar constantemente. Isto significa que a sociologia na Nova Zelândia está bem posicionada para combater criticamente e responder à reprodução de privilégios e desvantagens que se relacionam aos povos indígenas (Maori) e não-indígenas na Nova Zelândia. Como um sociólogo Maori com um interesse pessoal e acadêmico em pesquisas centradas nos Maoris, eu acredito que os sociólogos têm uma forte contribuição a fazer em pesquisas interculturais com uma agenda de justiça social. Enquanto há um número relativamente pequeno de sociólogos Maori seniores e emergentes na Nova Zelândia, há um número significativo de sociólogos não-indígenas cujas pesquisas estão centradas na experiência Maori.

A experiência histórica Maori de colonização e a realidade contemporânea de marginalização, privação e escassez significa que a identidade étnica Maori é um local de luta e resistência. Como *tangata whenua* (povo da terra, povo indígena), os Maori vêem o seu lugar social na sociedade da Nova Zelândia ser altamente contestado. Enquanto sobre-representada em todos os indicadores sociais negativos, eles têm, muitas vezes, que contestar a retórica política e populista que exagera as suas modestas conquistas ganhas como portadores de direitos de povos indígenas. A luta política Maori tem buscado a reparação em terras e recursos que foram ilegalmente alienados no passado (e muitas vezes um passado muito contemporâneo). A resolução bem-sucedida de algumas dessas lutas em curso mostrou que todos

os aspectos de suas vidas são politizados e inspecionados.

Que existem grandes desigualdades entre os Maoris e os não-Maoris isto é claro. Extensas pesquisas sobre a condição Maori mostram que os Maoris sofrem desvantagens desde o seu nascimento. A criança Maori é mais susceptível a morte do que uma criança não-Maori. A criança Maori é menos propensa a receber uma educação na primeira infância. Os Maoris são mais propensos a serem suspensos e expulsos da escola, reduzindo assim o seu desempenho escolar e aumentando a probabilidade de criminalidade juvenil. As taxas de desemprego entre os Maoris são significativamente mais altas do que as de não-Maoris, e o rendimento Maori é consideravelmente menor. Os Maoris são mais propensos a necessitar da assistência do governo e de ser dependente de benefícios do governo. Muitos Maoris vivem em habitações inadequadas e sofrem de um estado de saúde mental e físico pior do que os não-Maoris. Diferenças e desvantagens Maoris são mais claramente marcadas no sistema de justiça criminal. Os Maoris estão sobre-representados tanto como vítimas quanto como agressores, e enquanto compõem 15% da população total da Nova Zelândia eles formam mais de 50% da população carcerária. Para muitos, a vida Maori está ligada ao desemprego, doença, condições psiquiátricas, pobreza e prisão. Embora a posição e a legitimidade da cultura Maori dentro da sociedade da Nova Zelândia tenham sido bastante reforçadas desde 1970, com maior respeito conferido à nossa cultura e linguagem, o renascimento Maori tem sido muito menos bem sucedido no tratamento de muitas outras desigualdades sociais.

A pesquisa sociológica pode desempenhar um importante papel na abordagem

destas questões críticas. O poder da investigação é mais claramente demonstrado em projetos em que os membros da equipe recorrem às suas múltiplas tradições de pesquisa e onde as conclusões são amplamente distribuídas. Isto não é para suprimir questões de poder. Toda pesquisa é dominada pelas dinâmicas de poder (e impotência). As relações de poder permeiam todo o processo de pesquisa desde o investimento inicial para o projeto, o engajamento dos participantes, execução e divulgação. No entanto, um foco em resultados de justiça social traz à tona os desafios e as oportunidades que pesquisadores e participantes de pesquisas podem encontrar.

Para concluir, eu quero refletir especialmente sobre as questões interculturais em um ambiente de pesquisa Maori-centrado. No ambiente atual, há pesquisas que são Maori-lideradas do início ao fim, mas pesquisadores não-Maoris podem desempenhar um papel vital, especialmente quando estão dispostos a abrir mão de controles de pesquisas tradicionais e trabalhar dentro de contextos Maori determinados. Até recentemente, comunidades Maoris não se beneficiaram de pesquisas do mainstream, que usualmente adotaram lentes deficitárias. Hoje essas mesmas comunidades frequentemente reconhecem as vantagens de pesquisas colaborativas multiculturais, embora ainda existam outros que insistem em pesquisas Maoris com Maoris e para Maoris. Membros de grupos oprimidos tiveram que estudar grupos dominantes informalmente por todas as suas vidas a fim de aprender a sobreviver e a navegar em espaços dominantes. Através de nossas colaborações nós podemos ensinar pesquisadores não-indígenas sobre nós mesmos, mas talvez, mais revelador ainda, podemos ensiná-los sobre si mesmos. ■

> Uma Nota sobre a “Nova pobreza” na Armênia pós-Soviética

Por Gevorg Poghosyan, Diretor do Instituto de Filosofia, Sociologia e Direito da Academia Nacional Armênia de Ciências, e presidente da Associação Sociológica Armênia

As transformações sociais do final do século XX, após o fim da União Soviética, inauguraram uma nova era histórica. Os países pós-soviéticos envolvidos no processo de modernização social experimentaram sérias dificuldades de desenvolvimento. O “rebote da modernização” e a desindustrialização representam estágios comuns do desenvolvimento pós-soviético. O problema se encontra na exclusão de processos étnico-culturais dos modelos de modernização.

No caso da Armênia, o “rebote da modernização” trouxe uma profunda desindustrialização, levando o país a formas arcaicas de atividade econômica, especialmente na agricultura (Poghosyan, 2005). A privatização pós-soviética levou à concentração da propriedade nas mãos de uma pequena minoria de proprietários privados, e o resultado foi extrema pobreza e o sub-desenvolvimento de uma classe média (Poghosyan, 2003).

A transformação da estrutura da sociedade armênia moderna, que ainda não acabou, resultou em mudanças surpreendentes. Com base em um survey sociológico aplicado em todo o país, elaboramos o seguinte modelo (Poghosyan, 2005):

• **O estrato mais alto:** elites políticas

e econômicas, grandes proprietários, oligarcas (5-7% da população);

• **O estrato médio:** pequenos empreendedores e empresários, profissionais bem remunerados, funcionários públicos e gerentes (10-12%);

• **O estrato majoritário:** trabalhadores de escritório, do setor de serviços, camponeses, intelectuais, pensionistas, comerciantes, e pessoas que estão temporariamente desempregadas (65%);

• **A “base” social:** moradores de rua, desempregados de forma permanente, prostitutas, “perdedores” sociais (15%)

A sociedade armênia se tornou “multi-nivelada”, com diferenças crescentes nos padrões de vida que separam diferentes estratos sociais. Iniciou-se a marginalização de amplos setores da população, especialmente como resultado do desemprego. O que caracterizei como a “Nova Pobreza” é o resultado de reformas e da destruição do antigo sistema econômico, e não uma afirmação sobre uma desorganização cultural herdada da sociedade. Tal pobreza não era encontrada no período soviético.

Além disso, esta “Nova Pobreza” não tem nada em comum com a pobreza massiva encontrada em países do Terceiro Mundo, onde a

pobreza é caracterizada por miséria, analfabetismo, altas taxas de mortalidade infantil, e saneamento básico ruim. Nenhuma dessas condições se encontram no fenômeno da “Nova Pobreza” pós-Soviética, que afeta uma população com alto nível educacional, um sistema de saúde seguro, e boas condições de vida. A “Nova Pobreza” afeta pessoas que estavam satisfeitas no passado, como operários, trabalhadores de escritório, a intelectualidade, pensionistas e donas de casa. A mesma “Nova Pobreza” é agora visível em alguns países da União Europeia e nos EUA, após a crise financeira global.

Estratégias tradicionais de superação da pobreza, baseadas na experiência dos países do Terceiro Mundo são, via de regra, inadequadas nestes casos. Precisamos de novos conceitos e estratégias para superar esta nova pobreza que leva em conta as peculiaridades étnico-culturais de cada país. No caso da Armênia, com sua população economicamente ativa educada e seu alto nível potencial de investimento pela Diáspora Armênia, a solução pode estar no rápido desenvolvimento de pequenos e médios negócios. ■

Referências

- Poghosyan, G. 2003 Armenian Society in Transformation. Yerevan, Armenia: Lusabats [Russian].
_____. 2005 Current Armenian Society: Peculiarities of Transformation. Moscow: Academia [Russian].

> A vida vigorosa da *Current Sociology*

Por Jennifer Platt, Universidade de Sussex, Reino Unido, e Vice-presidente para Publicações da ISA (2010-2014) e Eloísa Martín, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, e Editora da *Current Sociology*

Um relatório antigo da *Current Sociology*, ainda amplamente citado..



A *Current Sociology* é um dos mais antigos periódicos sociológicos; esse ano, celebra seu sexagésimo aniversário. Seu desenvolvimento revela muito sobre o progresso geral da Sociologia, internacionalmente, desde os anos 1950. A ISA foi fundada na instância da UNESCO, então o periódico começou como uma produção desse órgão; quando Tom Bottomore se tornou o Secretário Executivo da ISA, em 1957, assumiu a redação (Em 1973, Margaret Archer tornou-se o primeiro editor que não acumulou outros postos na ISA). O papel principal dessa missão inicial foi o de promover a comunicação internacional, oferecendo uma bibliografia geral da Sociologia recém-publicada; o campo ainda era suficientemente pequeno para tornar praticável essa missão. Os tópicos nos quais os itens foram classificados na bibliografia incluíram “Sociologia dos povos primitivos e subdesenvolvidos”, refletindo tanto as prioridades de ação da UNESCO quanto a abordagem teórica “comparativa” em vigor, contrastando sociedades não industrializadas com as industrializadas.

Rapidamente, porém, a principal ênfase se alterou para a bibliografia de áreas de trabalho específicas, como Sociologia da Religião, Ciência, Política ou Educação, com um “relatório de tendências” para cada uma, muitos escritos pelos mais famosos autores da época. Esses recursos foram conhecidos e valiosos. O mais conhecido, provavelmente, foi o *Mobilidade Social Comparada*, escrito em 1960 por S. M. Miller, que comparou resultados de estudos sobre mobilidade social realizados até então e traçou conclusões gerais. O Google Acadêmico exibe 253 citações para essa obra, algumas das quais bastante recentes.

Em 1963, foram apresentadas edições com grupos relacionados de periódicos de Comitês de Pesquisa, sendo o primeiro sobre Sociologia da Família; nos anos 1990, eles passaram a ser classificados em uma categoria diferente, chamada *Monografias da Current Sociology*. Desde um estágio inicial, algumas dessas edições foram limitadas a uma área geográfica, ainda que os títulos nem sempre deixassem claro se era essa área, ou somente o país onde o trabalho sociológico mencionado foi desenvolvido, que definia o tópico tratado; ao longo do tempo, apareceram igualmente edições revisando toda uma Sociologia nacional: *Sociologia Escandinava* (1977), *Sociologia Anglo-Canadense* (1986), e assim por diante. Por fim, em 1997 foi decidido que o modelo de relatório de tendências não era mais compatível com as necessidades contemporâneas, com

tantas outras fontes de informação prontamente disponibilizadas. Sob a redação de Susan McDaniel, a revista foi relançada em moldes mais convencionais como um periódico de avaliação pelos pares, focando em novos desenvolvimentos e controvérsias da investigação sociológica – mas ainda revisando desenvolvimentos internacionais, seja em áreas substantivas, conceitos ou teorias e métodos, e direcionada a um grupo mais amplo de colegas internacionais.

Dennis Smith prosseguiu com os esforços pioneiros de Susan, e foi editor entre 2002 e 2010. É inegável que ele cunhou uma marca pessoal na revista durante esses oito anos, proporcionando uma perspectiva moderna sobre as novas demandas acadêmicas. Sob sua redação, o periódico foi aceito para a listagem da ISI, e já alcançou uma posição bastante respeitosa. Além disso, graças a sua capacidade de ler as agendas sociológicas implícitas formuladas nos trabalhos submetidos, a redação de Dennis auxiliou na criação de um espaço onde esses trabalhos e agendas pudessem ser expostas ao debate crítico. Isso foi feito, em partes, pela organização de diálogos que permitiram que autores e críticos discorressem sobre muitos tópicos diferentes.

A *Current Sociology* sempre recebeu submissões nas línguas oficiais da ISA: Inglês, Francês e Espanhol. Mas agora, graças à iniciativa do Comitê de Publicações, aceita submissões em praticamente todas as línguas,

com o fim de facilitar a publicação para acadêmicos que acham difícil redigir em inglês. Para pesquisadores trabalhando fora do mundo que fala a Língua Inglesa – especialmente aqueles que vivem em países periféricos – essa iniciativa representa uma oportunidade única para compartilhar seus achados com uma audiência internacional. Em 2010, Eloísa Martín assumiu a redação. Pela primeira vez, o periódico seria administrado por um acadêmico não anglófono de uma instituição acadêmica não central. Esse fato reflete mudanças na filiação da ISA, que se estendem para países de todo o mundo, igualmente criando desafios para o futuro do periódico.

Hoje em dia, as universidades do mundo parecem partilhar a mesma preocupação e reclamação: publicar ou perecer. O financiamento, a aprovação de projetos e o prestígio dependem da quantidade de publicações do pesquisador, em primeiro lugar, e também do ranking dos periódicos onde sua pesquisa é publicada. Dentro e apesar desse contexto, a *Current Sociology* gostaria de focar na tradição do diálogo, onde reflexões possam ser disponibilizadas para que colegas possam debater, criticar e progredir, e onde a leitura cuidadosa de trabalhos por outros colegas constitua um espaço para intercâmbios. Nesses diálogos, podemos encontrar novas ferramentas heurísticas para contemplar nossas realidades locais, ao passo que consideramos a Sociologia um necessário projeto global. ■

> A sala de aula global

Por Larissa Titarenko, Universidade do Estado da Bielorrússia, Minsk, Bielorrússia, e Craig B. Little, Universidade do Estado de Nova Iorque em Cortland, EUA



Professores Larissa Titarenko e Craig Little, arquitetos da colaboração internacional de ensino internacional.

A nova sociedade do conhecimento é largamente baseada nas Tecnologias de Internet e Comunicação (TICs). As novas TICs estão por toda parte, tornando nossas vidas mais complicadas, mas também nos proporcionando oportunidades sem limites. Na educação, as TICs nos permitem distribuir livros eletrônicos e outros textos pelo mundo e ensinar estudantes via internet. Na esfera pública as TICs permitem que as pessoas transmitam informações por fóruns e redes sociais independentemente da distância geográfica.

Estudantes em uma sala de aula virtual estão separados no espaço físico, mas simbolicamente conectados ao se envolverem com as mesmas atividades práticas, aprendendo o mesmo material e o discutindo de forma aberta. Ao contrário da sala de aula tradicional, a virtual permite aos estudantes entrar e sair a qualquer momento e ainda manter um sentimento que eles estão unidos em um empreendimento comum e compartilhado pelo ciberespaço.

> Colaborando On Line

Na educação, as ferramentas da *internet* normalmente são usadas para objetivos tradicionais – ensinar estudantes onde encontrar informação útil, como usá-la apropriadamente, como pesquisar eficientemente, etc. No caso da educação à distância, especialmente nas ciências sociais, as ferramentas eletrônicas facilitam o envolvimento ativo dos estudantes nos seus estudos mesmo não estando necessariamente próximos um do outro ou de uma faculdade. Ensino à distância é um caminho para ensinar, conjuntamente, estudantes de diferentes cidades, vilarejos, regiões, e até mesmo países como se estivessem todos reunidos em uma única sala física. Portanto, uma sala de aula virtual é invisível, mas muito real. Nela, participantes se encorajam ao manter contato intelectual, debatendo questões, desafiando opiniões, completando tarefas comuns e similares.

Em ambos os casos – salas de aula tradicionais e as novas criadas pelas TICs – estudantes e professores podem participar na construção do conhecimento. Na nova sala de aula facilitada pelas TICs, estudantes sentem-se comprometidos com o processo de aprendizado e podem contribuir com suas próprias ideias e, portanto, seus conhecimentos se tornam pessoais ou, ainda, interpessoais (intersubjetivos): eles os produzem não apenas dos livros que lêem, mas da comunicação com cada um através da interação online. Como eles não vêem um instrutor por perto, sentem-se mais independentes em suas perspectivas e normalmente se expressam como mais liberdade.

Assim, uma vantagem das novas TICs aplicadas à educação superior, é a possibilidade de criar colaborações, online, através de um ambiente de aprendizado formado por uma rede global de estudantes e professores. Em uma sala de aula virtual, estudantes de diferentes faculdades e países podem estudar um assunto conjuntamente enquanto se comunicam entre si através das tecnologias da internet. Em uma aula à distância, estudantes são encorajados a participar de um debate enquanto eles desejarem fazê-lo. Eles também realizam tarefas (normalmente com o propósito para verificar o conhecimento deles referente aos textos propostos) e são submetidos ao sistema de gerenciamento de aprendizado (*Learning Management System* - LMS). A carga de trabalho em uma aula de distâncias internacionais, tanto para estudantes e professores, é bastante pesada; contudo, a motivação dos estudantes cresce através do exercício de liberdade de trabalhar em seus locais próprios, responsabilidades pessoas sobre os resultados do aprendizado, e a animação de aprender sobre e de diferentes colegas de outros países. Para professores, a maior satisfação é ajudar seus alunos a aprenderem com e de seus próprios pares. O diálogo *online* é apenas uma das muitas tarefas típicas, mas talvez a mais interessante aos estudantes enquanto cidadãos desenvolvendo conhecimento dentro de uma sociedade global.

Nossa experiência profissional de ministrar aulas à distâncias internacionais abrange os últimos dez anos, em que pudemos organizar tais salas em seis oportunidades. O retorno dos estudantes tem sido, consistentemente, mais positivo do que nas turmas tradicionais se comparado o mesmo assunto (controle social) que foi ensinado regularmente na SUNY (Universidade do Estado de Nova Iorque), Cortland. Os dois instrutores dessa turma virtual – Professor Craig Little, EUA, e Professora Larissa Titarenko, Bielorrússia – se encontraram pela primeira vez na Bulgária durante a conferência internacional da Aliança das Universidades pela Democracia (AUDEM) em 2001. Ambos ficamos impressionados com as novas tecnologias da internet apresentadas nesta conferência. E imediatamente decidimos colaborar organizando uma turma internacional de ensino à distância para ampliar os horizontes dos nossos



estudantes para a sociologia, no âmbito da comunicação intercultural e nos métodos de análise comparativa. O curso contou com 18 a 25 estudantes cada vez que ele foi ministrado, a maioria deles com especialização em sociologia. Esse curso foi oferecido várias vezes com a participação de três universidades, incluindo a Universidade Estadual de Moscou (com a Dra. Mira Bergelson) e frequentemente com estudantes da Universidade de Griffith (Brisbane, Austrália), onde o Professor Craig Little havia lecionado há alguns anos antes¹.

> **Aprendendo a ser cidadãos globais**

Por uma sala de aula virtual e internacional nos referimos a uma turma única, consistindo de estudantes de dois ou mais países: no nosso caso, os EUA, Bielorrússia Austrália e Rússia. Aproximadamente, dois terços dos estudantes eram oriundos de países em que a língua materna é o inglês. Para um pequeno grupo de estudantes da Bielorrússia, a participação foi um triplo desafio: participar de um curso ministrado em inglês, serem expostos a um novo ramo da sociologia (controle social) que não é oferecido na Universidade do Estado da Bielorrússia, e aprender em uma sala de aula virtual e internacional que enfatiza um estilo de ensino centrado no aprendiz. São muitos os casos de estudantes bielorrussos que nunca estiveram no exterior, então eles adquiriram um conhecimento único acerca da cultura jovem de países que talvez eles nunca visitem. Por outro lado, como a maioria dos estudantes norte-americanos e australianos também nunca esteve na Bielorrússia ou qualquer país pós-comunista (e a maioria deles também nunca estiveram na Europa), houve um duplo interesse por parte de todos eles.

Na nossa sala de aula virtual, os estudantes aprenderam através de três livros especializados, por mini-cursos escritos elaborados pelos professores e de tarefas adicionais baseadas em artigos eletrônicos. Os estudantes se envolveram com as discussões e as deixaram se fazendo perguntas, discutindo tópicos em comum emergidos das leituras e também da ocorrência de eventos no mundo, ou seja, tudo o que lhes ajuda a compreender as culturas estrangeiras, os antecedentes históricos e a variedade de abordagens acerca do controle social disponíveis pelo mundo.

Por diversas vezes nós oferecemos esse curso virtual com sucessos repetidos. No final, todos os estudantes confirmaram que aprenderam muito dos livros e especialmente dos contatos estabelecidos online. Em suas avaliações do ensino, reportaram que receberam informações únicas e de primeira mão sobre cada país, que puderam fazer perguntas livremente e que não tiveram maiores problemas, tais como a pressão do tempo no final de uma aula, intimidação pela presença física do instrutor ou a falta de tempo para comunicação.²

> **Motivando estudantes**

Nossa filosofia pedagógica deriva da abordagem de Dewey centrada no aprendiz. Os estudantes foram encorajados a discutir online muitas situações práticas, tais como

a aplicação local das leis, casos criminais, abordagens da punição, violação de direitos, etc. Eles normalmente discutem a situação “como ela é” e tentam entender quais soluções podem haver e porque uma determinada solução foi aplicada em um país em particular. A ideia não era selecionar a “melhor” decisão, mas deixar os estudantes participarem ativamente no processo de discussão, deixá-los serem criativos em seus argumentos e em comparação com diferentes abordagens. Por exemplo, ao aprenderem diferentes sistemas de controle social em países como a Rússia, os EUA, Suécia ou Austrália, puderam comparar a efetividade de diferentes sistemas baseados nas estatísticas criminais, o custo para a sociedade de abordagens alternativas para a punição, as taxas de reincidência, etc. Nós também comparamos sistemas de controle social em três diferentes períodos históricos: pré-moderno, moderno e pós-moderno. Todos os estudantes precisam ler três livros e então reportar *online* o seu progresso, fazendo pequenos, porém regulares exercícios, escrevendo ensaios, participando das atividades do grupo e das discussões levadas pelos estudantes. Nossa plataforma de aprendizado foi originalmente providenciada pelo Rede de Aprendizado SUNY e agora é simplesmente um Sistema de Gerenciamento de Aprendizado, providenciado pela SUNY Cortland.

Tem sido uma experiência única para todos os estudantes, mas provavelmente o resultado mais importante foi para aqueles de Belarus. Diante das deteriorantes condições da crise econômica e política e acesso limitado à literatura em inglês, o curso de ensino à distância providenciou excelentes chances para jovens aprenderem da mesma forma que as turmas do Ocidente. Acreditamos que o nosso uso das TICs tem, ao menos parcialmente, superado a dicotomia centro-periferia, uma vez que todos os estudantes abordaram suas tarefas e discussões com uma genuína orientação de qualidade, algo que nós encorajamos explicitamente. Da perspectiva da dicotomia do Leste-Oeste, nós também acreditamos que gerenciamos para ajudar os estudantes a ir além das fronteiras e estereótipos. Nós usamos textos ocidentais, mas fontes adicionais incluíram muitas informações dos belarusianos e internacionais. Os estudantes foram autorizados a providenciar argumentos a partir de qualquer teoria e defender qualquer posição desde de forma respeitosa. Neste aspecto, esta colaboração internacional de ensino à distância, foi igualmente uma lição de democracia e direitos humanos.

Em suma, nossa experiência de colaboração internacional online confirmou o ótimo potencial das TICs para uso efetivo na educação superior, especialmente para estudantes de lugares e países remotos e politicamente isolados. Foi uma maneira de aprofundar o conhecimento dos alunos, experiência e visão de mundo e, portanto, aumentar o capital humano deles. ■

¹ Para uma longa descrição do curso, ver Craig B. Little, Larissa Titarenko e Mira Bergelson (2005), “Creating Successful International Distance Learning Classroom”. *Teaching Sociology* 33(4), 355-370.

² Para recursos úteis na elaboração e ensino de uma sala de aula de distâncias internacionais, ver o website da Collaborative Online International Learning (COIL) <http://coilcenter.purchase.edu>. Para mais questões técnicas, entre em contato com Craig. B. Little pelo e-mail Craig.Little@cortland.edu

> Preconceitos contra as Associações Nacionais: a necessidade de mudar os procedimentos eleitorais da ISA

Por Roberto Cipriani, Universidade de Roma III, presidente do Conselho das Associações Nacionais da Associação Europeia de Sociologia

Um grande passo foi dado pela ISA no Congresso Mundial em Brisbane em 2002, quando se decidiu pela primeira vez eleger um Vice-Presidente para as Associações Nacionais. No entanto, as normas processuais foram elaboradas de uma forma um tanto quanto apressada. A intenção era, naturalmente, tomar algumas providências imediatas para a posição. Em vez de adiar a votação para o Congresso seguinte (Durban), o indiano Sujata Patel foi eleito o primeiro Vice-Presidente das Associações Nacionais (seguido em 2006 pelo norte-americano Michael Burawoy, e em 2010, em Gotemburgo, pela sul-africana Tina Uys). Os três sociólogos eleitos até hoje foram dignos da posição e fizeram um bom trabalho.

Suas eleições foram o resultado de um eleitorado abrangente, a Assembleia dos Conselhos, que reúne o Conselho das Associações Nacionais [*Council of National Associations*] (CNA), composto por um representante de cada Associação Nacional, e do Conselho de Pesquisa [*Research Council*] (RC), composto por um representante de cada Comitê de Pesquisa. Aqui há o mesmo número (55) de Associações Nacionais e de Comitês de Pesquisa. Como este último participa do Congresso Mundial (onde ocorreram as votações) em maior número do que no anterior, há um desequilíbrio fundamental. Assim, se olharmos para os dados das cinco últimas eleições, veremos que o eleitorado estava dividido da seguinte maneira: Gotemburgo, 2010 (43 CNA + 47 RC); Durban (35 CNA + 45 RC); Brisbane, 2002 (30 CNA + 44 RC); Montreal, 1998 (38 CNA + 41 RC); Bielefeld (43 CNA + 46 RC). Dessa forma, os Comitês de Pesquisa podem ter uma voz decisiva para eleger o Vice-Presidente das Associações Nacionais enquanto as Associações Nacionais não têm a mesma influência sobre as eleições para o Vice-Presidente de Pesquisa.

Além disso, é preciso ter em mente que durante os quatro anos que decorrem entre os Congressos, os Presidentes das Associações Nacionais às vezes mudam mais de uma vez, enquanto que o mandato de um Presidente do Comitê de Pesquisa oferece maior estabilidade e continuidade, pois geralmente dura quatro anos. Isso possibilita que os Presidentes dos Comitês de Pesquisa se conheçam melhor uns aos outros e, assim, reforcem as suas relações recíprocas, favorecendo a colaboração. Ao mesmo tempo, as Associações Nacionais passam por frequentes mudanças, tanto que na maioria das vezes os presidentes que se intercalam nas reuniões (o que deveria ajudar a construir relações mais estreitas) não são os mesmos que se reúnem para votar durante o Congresso.

Por estas razões, os candidatos para Vice-Presidente das Associações Nacionais, mesmo quando apoiados pelas próprias Associações Nacionais, podem ser derrotados pelo candidato do Comitê de Pesquisa; por isso, quando tudo está dito e feito, eles na verdade acabam elegendo não apenas o Vice-Presidente para Pesquisa, mas também o Vice-Presidente das Associações Nacionais.

Portanto, seria mais correto e democrático permitir que as Associações Nacionais sejam o eleitorado exclusivo para o seu Vice-Presidente, e os Comitês de Pesquisa o exclusivo eleitorado para seu Vice-Presidente. O caráter unitário da Associação Internacional de Sociologia [*International Sociological Association*] é amplamente previsto quando todos os representantes votem no seu Presidente e restam três Vice-Presidentes (Finanças, Publicações e Programa). Sendo assim, seria particularmente construtivo mudar os procedimentos para a eleição de Vice-Presidente das Associações Nacionais e de Pesquisa. ■

> Apresentando a Equipe Editorial Japonesa

Aqui apresentamos a equipe editorial do Japão, colaboradores entusiasmados na tradução e produção do *Diálogo Global*.

Nós, os editores regionais japoneses estamos muito satisfeitos e animados para nos apresentarmos para os leitores do *Diálogo Global* (DG) espalhados pelo mundo. Gostaríamos de expressar nossa gratidão ao Professor Burawoy e a todos aqueles que contribuem com o DG compartilhando suas experiências diversas sobre numerosas e urgentes questões do mundo. Estamos ansiosos para recebê-los no Congresso Mundial de Sociologia da ISA, em Yokohama, em 2014, e também compartilhar nossas experiências em reviver o Japão!



Mari SHIBA (Chefe Editorial) é mestre em Educação pela Universidade de Boston e lecionou para crianças com diversas formações, em Boston. Atualmente, ela é estudante de doutorado em Sociologia da Universidade de Nagoya e membro do RC31 (Sociologia das Migrações). Sua pesquisa se concentra na adoção das normas internacionais nos EUA e na Suécia.



Yutaka IWADATE é doutorando na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Hitotsubashi, em Tóquio. Ele vem realizando trabalho de campo em espaços sociais que são construídos nas práticas cotidianas dos jovens trabalhadores que lutam sob situações urbanas (pós-)neoliberais.



Kazuhisa NISHIHARA (Supervisor Editorial) é professor de Sociologia da Universidade de Nagoya e Presidente da Sociedade de Teoria Sociológica no Japão. Seu campo de pesquisa é a teoria sociológica, especialmente a sociologia fenomenológica da globalização e transnacionalismo. Ele tem se concentrado em pesquisar sobre a migração no leste da Ásia, em particular dos trabalhadores agrícolas estrangeiros no Japão.



Michiko SAMBE é graduada pela Universidade de Kyoto de Estudos Estrangeiros e atualmente, é doutoranda na Universidade Ochanomizu, onde ela completou seu mestrado em Ciências Sociais. Sua pesquisa se concentra nas relações entre as minorias sexuais e seus pais heterossexuais no Japão.



Yu FUKUDA é estudante de doutorado na Escola de Pós-Graduação em Sociologia, na Universidade Kwansai Gakuin. Sua especialidade é a sociologia da religião e estudos da memória coletiva. Ele vem realizando trabalho de campo em rituais que ocorrem após desastres, como cerimônias de memorial para as vítimas da bomba atômica e do terremoto.



Takako SATO é bacharel em Estudos Para a Paz Internacional e em Espanhol pela Universidade de Wisconsin-Superior. Atualmente, ela é doutoranda em Sociologia na Universidade de Hokkaido. Ela vem pesquisando a política de imigração dos EUA e as redes sociais relacionadas aos imigrantes sem documentos.



Kosuke HIMENO é estudante de doutorado da Universidade de Tóquio, estudando sociologia rural e realizando de trabalho de campo para preservar as aldeias rurais e suas culturas na Prefeitura de Nagano. Ele se sente muito honrado em ser um membro da equipe de tradução para o japonês do *Diálogo Global*!



Yoshiya SHIOTANI é PhD em estudos de estratificação social e da desigualdade pela Universidade de Tohoku. Recentemente, ele fez um levantamento das vítimas sociais do Grande Terremoto no Japão do leste. Ele está analisando a relação entre o recebimento das vítimas ou de prestação de apoio social e sua saúde mental.



Kazuhiro IKEDA concluiu o doutorado em Sociologia na Universidade de Tóquio em 2005, e agora é um pesquisador de pós-doutorado na Universidade Sophia, em Tóquio. Ele é membro de um projeto de pesquisa internacional chamado "Comparando a Rede de Políticas de Mudança Climática" (COMPON), e também é membro da RC24 "Ambiente e Sociedade".



Tomohiro TAKAMI é um estudante de PhD do Departamento de Sociologia da Universidade de Tóquio, e também um pesquisador da Sociedade Japonesa para a Promoção da Ciência. Seu principal interesse de pesquisa está na autonomia dos trabalhadores, e particularmente na questão das longas jornadas de trabalho no Japão.

> John Rex falece aos 86

Por Sally Tomlinson, Universidade de Oxford, Reino Unido, e Robert Moore, Universidade de Liverpool, Reino Unido



John Rex – Pioneiro em Teoria Social e Relações Raciais.

John Rex, que morreu em 18 de dezembro (2011), será lembrado como um homem de grande paixão e energia, e um intelectual de destaque que elevou o estudo da sociologia a novos patamares acadêmicos. Ele nasceu em Porto Elizabeth, África do Sul e ingressou na Marinha Real com 18 anos, durante a Segunda Guerra Mundial. Voltando à África do Sul, e perfeitamente consciente da injustiça do apartheid, ele primeiro estudou teologia antes de mudar para a sociologia e filosofia. Ele lecionou por pouco tempo em uma escola na antiga Rodésia antes de ser expulso como “indesejável” – código para apoio ao movimento anti-apartheid. Ele completou um doutorado na Universidade de Leeds, ensinando lá até 1962, passando depois para a Universidade de Birmingham por dois anos antes de se tornar o professor fundador de dois departamentos de sociologia de sucesso na Universidade de

Durham em 1964 e, em seguida, na Universidade de Warwick em 1970. Ele foi o fundador e diretor do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais da Unidade de Pesquisa em Relações Raciais na Universidade de Aston de 1979 a 1984, depois do que ele retornou a Warwick. Além de visitar colegas professores em Toronto, Cidade do Cabo e Nova York, ele permaneceu em Warwick como professor, e depois Emérito, até sua enfermidade final.

A paixão de John pela teoria sociológica conduziu ao seu clássico livro *Key Problems in Sociological Theory* (1964), que libertou a sociologia da forte dependência do funcionalismo parsoniano, e deu a muitos alunos um interesse a longo prazo pelos textos clássicos da sociologia. Os escritos de Marx, Durkheim, Simmel e especialmente Max Weber eram centrais no pensamento de John. Ele reavivou o interesse na teoria do conflito, acreditando que os conflitos de valores e interesses são a norma e escrevendo um livro sobre *Social Conflict* em 1981. Ele entendeu como o poder e as forças coercitivas trabalham na sociedade, mas, apesar de ele ter ficado uma vez como um potencial Membro do Partido Trabalhista no Parlamento, ele adotou a visão de que era o trabalho dos cientistas sociais analisar e explicar ao invés de tomar posições políticas ativas.

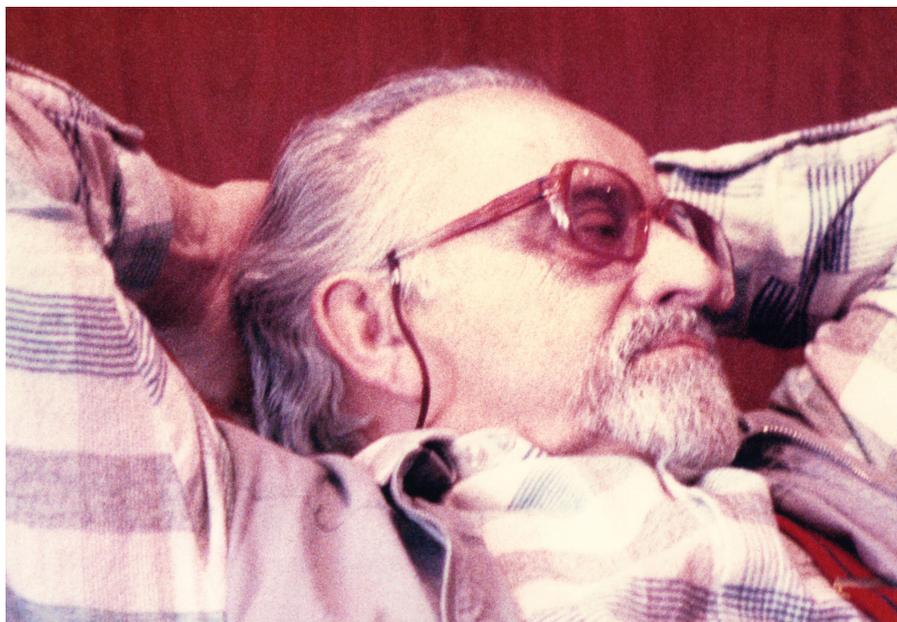
Sua preocupação com a ciência não impediu a sua raiva profunda da discriminação e do racismo dirigida aos ex-imigrantes coloniais que chegaram à Grã-Bretanha desde os anos de 1950. Ele era um membro do Comitê Internacional de Peritos da UNESCO em Racismo e Preconceito Racial, que em sua declaração em 1967 claramente afirmou que “os

problemas decorrentes das relações chamadas ‘raciais’ são sociais em sua origem e não biológicas” - uma idéia nova em seu tempo! Ele foi presidente do Comitê da Associação Internacional de Sociologia em Relações Sociais e Étnicas por oito anos. Em 1964, ele começou, com Robert Moore, o trabalho em Sparkbrook, Birmingham, o que levou ao seu livro mais conhecido *Race, Community and Conflict* (Rex e Moore, 1967), e então ele retornou para fazer pesquisa em Handsworth, Birmingham, em 1974, que produziu *Colonial Immigrants in a British City: a Class Analysis* (Rex and Tomlinson, 1979).

John tinha opiniões fortes e podia ser intransigente na argumentação. Ele irritou alguns de seus colegas que discordavam dele e, de fato, frequentemente gostava de provocar aqueles cujas opiniões ele considerava superficial. Mas suas opiniões sempre foram respeitadas e como homem ele inspirou afeto genuíno. Desde a sua morte, houve numerosos tributos a ele de ex-alunos e colegas com a mensagem de que “ele mudou a minha vida”, seu trabalho teve uma enorme influência sobre milhares de pessoas ao redor do mundo. Seu último escrito foi um capítulo para um livro publicado em 2010 sobre Wilhelm Baldamus, Professor de Sociologia em Birmingham nos anos de 1970. Ele escreveu que “Baldamus era um indivíduo único [...] ele não concordava com as novas tendências do pensamento e prática sociológicos [...] ele foi um homem que teve a coragem de suas convicções e as manteve ao lidar com amigos e colegas.” Ele podia estar escrevendo sobre si mesmo aqui. Ele recebeu um prêmio por sua vida e obra da Associação Britânica de Sociologia em 2010 e será muito lembrado pela família, amigos e colegas. ■

> Kurt Jonassohn, 1920-2011

Por Céline Saint-Pierre, Universidade de Quebec em Montreal, Secretária Executiva da ISA (1974-1979) e membro do Comitê Executivo da ISA (1986-1990)



Kurt Jonassohn – Intrépido colaborador da ISA.

(1974-1978), nós apresentamos um relatório financeiro com uma série de recomendações para conseguir mais recursos por meio de taxas e de publicações. Apesar dos altos e baixos financeiros da ISA, Kurt sempre foi simples, honesto, e demonstrou um grande sentido de responsabilidade.

Kurt Jonassohn também fez contribuições significativas para o nosso conhecimento da história da ISA através da publicação de uma série de crônicas no *Boletim da ISA* na década de 1980. As referências que ele reuniu e as transcrições de entrevistas que ele realizou com ex-líderes da ISA serviram como ponto de partida para a publicação de *A Brief History of the ISA: 1948-1997*, publicada por Jennifer Platt em 1998.

Após seu mandato como Secretário Executivo, Kurt continuou colaborando com a ISA por vários anos. Neste período, ele permaneceu lecionando e realizando suas pesquisas sobre genocídios. Ele foi, de fato, uma figura central nesse campo e o seu trabalho, em parceria com seu colega Frank Chalk, culminou na fundação do Instituto para Estudos de Genocídio de Montreal, em 1986. Nascido na Alemanha em 31 de agosto de 1920, ele faleceu em Montreal em 01 de dezembro de 2011. ■

Em 1974, Kurt Jonassohn e eu fomos eleitos Secretários Executivos da ISA. Naquela época, Tom Bottomore era o presidente e a Secretaria estava mudando de Milão para a Universidade de Quebec em Montreal (UQAM), onde eu era professora. Kurt era professor de sociologia na Universidade de Concordia. Nós trabalhamos juntos por aproximadamente cinco anos (1974-1979). Até a Secretaria se mudar para Amsterdã em 1983, ele dividiu a sua posição de Secretário Executivo com Marcel Rafie, também professor na UQAM.

Embora ele fosse bem posicionado na comunidade acadêmica anglo-saxã em Montreal e em todo o Canadá, Kurt também era fluente em língua francesa. Nossas atividades diárias na Secretaria quase sempre ocorriam em

francês e ele insistia que assim fosse. A sua grande sensibilidade para a cultura francófona em Quebec, que eu admirava muito, contribuiu para aumentar o papel da língua francesa no funcionamento da ISA em uma época em que a maior parte da comunicação e das atividades era feita em inglês.

Ainda que nenhum de nós estivesse muito interessado em questões financeiras e orçamentárias, Kurt aceitou, com grande generosidade, assumir responsabilidades como Tesoureiro. Essa não era uma tarefa fácil devido à situação financeira delicada da ISA à época. Nós fomos amparados pelo crescimento das filiações individuais e coletivas e, ainda assim, as taxas de filiação permaneceram baixas e o Congresso de 1974 em Toronto teve um déficit. Kurt enfrentou esta situação precária juntamente com outros membros do Comitê Executivo. Ao final do nosso primeiro mandato

> Herança e Ruptura na Sociologia Colombiana

Por Patricia S. Jaramillo Guerra e Fernando Cubides, Universidade Nacional da Colômbia, em Bogotá



A sociologia é uma questão séria! Jovens sociólogos colombianos presentes à Conferência Nacional realizada em Cali, 02-04 novembro de 2011.

Entre os dias 2 e 4 de novembro de 2011, os sociólogos colombianos se reuniram na cidade de Cali para a realização da 10ª Conferência Nacional de Sociologia. O tema era herança e ruptura na sociologia colombiana contemporânea. Os organizadores foram os departamentos de sociologia da Universidade do Valle, da Universidade ICESI e da Universidade do Pacífico. Além disso, ocorreu um caloroso encontro pré-conferência dedicado ao pensamento

weberiano.

O sucesso dessa conferência foi muito importante para a consolidação da nossa disciplina, especialmente porque a última conferência nacional aconteceu em 2006. Embora a tradição sociológica colombiana remonta à década de 1950, ela sofreu interrupções, devido ao contexto violento em que ela teve que operar e à estigmatização que sofreu devido às supostas ligações que estabeleceu com os movimentos de guerrilha. Muitos departamentos foram fechados durante

>>

quinze anos, sendo reabertos apenas nos últimos cinco ou dez anos.

Em termos de sua substância, a sociologia colombiana é formada por uma sociedade cheia de contradições: a violência coexiste com uma longa democracia; os níveis de desigualdade estão entre os maiores da América Latina, mas, ao mesmo tempo, o sistema jurídico reconhece direitos sociais e culturais de maneira raramente encontrada no continente. A Colômbia oferece à sociologia um laboratório excepcional, mas a situação também exige que a sociologia mostre grande responsabilidade social.

O encontro pré-conferência sobre Weber foi organizado pelo departamento da Universidade Nacional da Colômbia e apoiado pelas universidades organizadoras da Conferência. Ele foi planejado para discutir os recentes desenvolvimentos na interpretação do pensamento de Max Weber – um seminário aberto facilitado pela participação de acadêmicos de renome internacional: Wolfgang Schluchter da Alemanha, Francisco Gil Villegas do México, Esteban Vernik da Argentina e, Javier Rodríguez Martínez e José Almaraz Pestana da Espanha. Os participantes sublinharam a importância da releitura da obra de Weber como importante não apenas para os especialistas, mas também para o público em geral. Os dois sociólogos locais, assim como os convidados internacionais observaram que uma discussão de tão alto nível dedicada à obra de um autor clássico era algo raro, e refletia bem sobre o estado do pensamento teórico na Colômbia.

Para a conferência principal, havia também uma infinidade de palestrantes internacionais: o Presidente da ISA, Michael Burawoy, da Universidade da Califórnia, Berkeley; o Presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (LASA), Henrique Martins, da Universidade Federal de Pernambuco (Brasil); Alejandro Portes da Universidade de Princeton (EUA), onde ele dirige o Centro para Migração e Desenvolvimento; Emilio Tenti, da Universidade de Buenos Aires; Manuel Antonio Garretón da Universidade Católica de

Santiago (Chile); e Milton Vidal da Universidade Acadêmica de Humanismo Cristão (Chile). Essas figuras internacionais deram vida aos debates contemporâneos em torno de movimento estudantil, sociologia global, imigração, sociologia pública e pós-colonialismo.

Os esforços de organização não poderiam ter tido melhores resultados: 24 sessões de trabalho, 600 participantes, 200 trabalhos apresentados, onze convidados internacionais e participação de quinze programas da Rede Colombiana de Sociologia de Escolas e Departamentos (RECEFADES). O sucesso da conferência era visível e ecoou na sessão de encerramento com comentários como: “A sociologia está bem de saúde” e “Nossa disciplina é tão válida e pertinente como qualquer outro campo do conhecimento científico”.

A atmosfera nas sessões de trabalho também confirmou a vitalidade da sociologia na Colômbia, indicada pelo número crescente de novas escolas e alunos, contrariando as tendências globais que apontam em direção oposta. Também foi observado que muitos sociólogos migram e fertilizam outros campos do conhecimento depois de receberem seus diplomas de graduação. A disciplina em si é a diversificação de novas noções de subjetividades, abordagens de gênero não convencionais, novas abordagens para religião e muito mais. Assuntos que antes eram desacreditados estão agora bastante na moda, em especial, o consumo visto através das lentes da moda, do gosto e da expressão artística. E, claro, ainda há os temas tradicionais da sociologia da Colômbia – violência, movimentos camponeses, comunidades rurais e organização do trabalho, pelos quais o interesse continua animado como sempre.

Os participantes foram unânimes em seus entusiasmados elogios não apenas para a dedicação e habilidade dos organizadores, tornado a conferência intelectualmente estimulante, como também pela abundante generosidade, incessante hospitalidade e excepcional receptividade da cidade da salsa. ■

> Sociologia Turca em um Espaço da Eurásia

Por Elena Zdravomyslova, European University, St. Petersburg, Russia, e Membro do Comitê Executivo da ISA, 2010-2014



Quarto Congresso Mundial de Sociólogos Turcos em Ufa, capital da República de Bashkortostan.

Lideranças acadêmicas das ciências sociais e humanas da Rússia, países europeus, Turquia, Kazaquistão, Azerbaijão, Uzbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão vieram à Ufa para participar do quarto Congresso Mundial de Sociólogos Turcos, de 4 a 6 de setembro, 2011. O tema foi: Espaço Eurasiano: Potencial Civilizacional dos Países de Língua Turca e Regiões Russas no Século XXI. “O primeiro Congresso Mundial teve lugar na Turquia em 2005, seguido por Congressos no Kazaquistão e no

Quirguistão.

Ufa é uma bonita e hospitaleira cidade localizada no Sul dos Urais, com uma população de mais de um milhão. É a capital da República do Bashkortostan – uma das regiões autônomas da Federação Russa. A língua Bashkir pertence ao grupo lingüístico Turco. De acordo com a Constituição Bashkir, duas línguas possuem status oficial – Russo e Bashkir. No entanto, a língua Bashkir não é amplamente falada nas áreas urbanas, e é considerada sob ameaça



de extinção, apesar dos recentes esforços políticos para expandir sua presença pública.

Comunicações sociológicas profissionais são realizadas em Russo. A Associação Bashkir de Sociologia – um membro coletivo da Sociedade Russa de Sociologia – estava presente no Congresso com mais de 200 participantes de diferentes regiões e países. O governo de Bashkortostan apoiou o Congresso, providenciando fundos bem como assistência organizacional para o evento. Uma representação do Presidente de Bashkortostan proferiu uma fala de abertura. Outras saudações – eventos simbólicos importantes – vieram da Academia Bashkir de Ciências, do antigo e atual Vice-Presidente da Associação Turca de Sociologia, representantes da Sociedade Russa de Sociologia, um enviado do Azerbaijão, e a mim, representando a ISA. Russo e Turco foram as línguas de trabalho do encontro. Tradução simultânea estava disponível.

A plenitude dos trabalhos foram dedicados à Eurásia – seu espaço, sua civilização, sua história comum, seus problemas compartilhados e seu futuro. De acordo com o representante da Associação Turca de Sociologia, Professor Erkal Mustafa, o principal objetivo do Congresso foi providenciar uma conceituação sociológica do mundo global multipolar que promoveria desenvolvimento sustentável e integração de diferenças culturais, sócio-econômicas e arranjos políticos. As falas foram inspiradas pela ideia da identidade híbrida no centro da civilização Eurasiana (desenvolvida pelos etnólogos Russos como L. Gumilev, dentre outros) Eles focaram no paradigma Turco do desenvolvimento social e histórico, a importância do fortalecimento da identidade transnacional e investigando a integração global do mundo Turco.

Os *papers* foram apresentados conforme a teoria e prática da contemporaneidade Eurasiana e sua relação com as ciências sociais e os atuais problemas do mundo Turco e da Rússia. As quatro sessões do Congresso foram: “Eurasianismo: problemas e perspectivas da pesquisa científica e avaliações”, “Sócio-dinâmica do espaço contemporâneo Eurasiano: problemas e soluções”, “Dimensões culturais do espaço Eurasiano”, e “Escolas sociológicas do mundo Turco e da Rússia”. Um grande passo adiante foi dado ao decidir lançar *The Eurasian Sociological Journal* (A Revista Eurasiana de Sociologia).

Houve muita ação nos corredores – estabelecendo e

renovando contatos inter-regionais e transnacionais, fazendo acordos de intercâmbio de estudantes e professores entre universidades, discutindo oportunidades de pesquisa conjunta e projetos de tradução que ligariam sociólogos de diferentes países. Uma das intenções do encontro foi o crescimento da importância simbólica da Associação Sociológica de Bashkir, que terá lugar no Congresso de todos os Russos, em outubro de 2012.

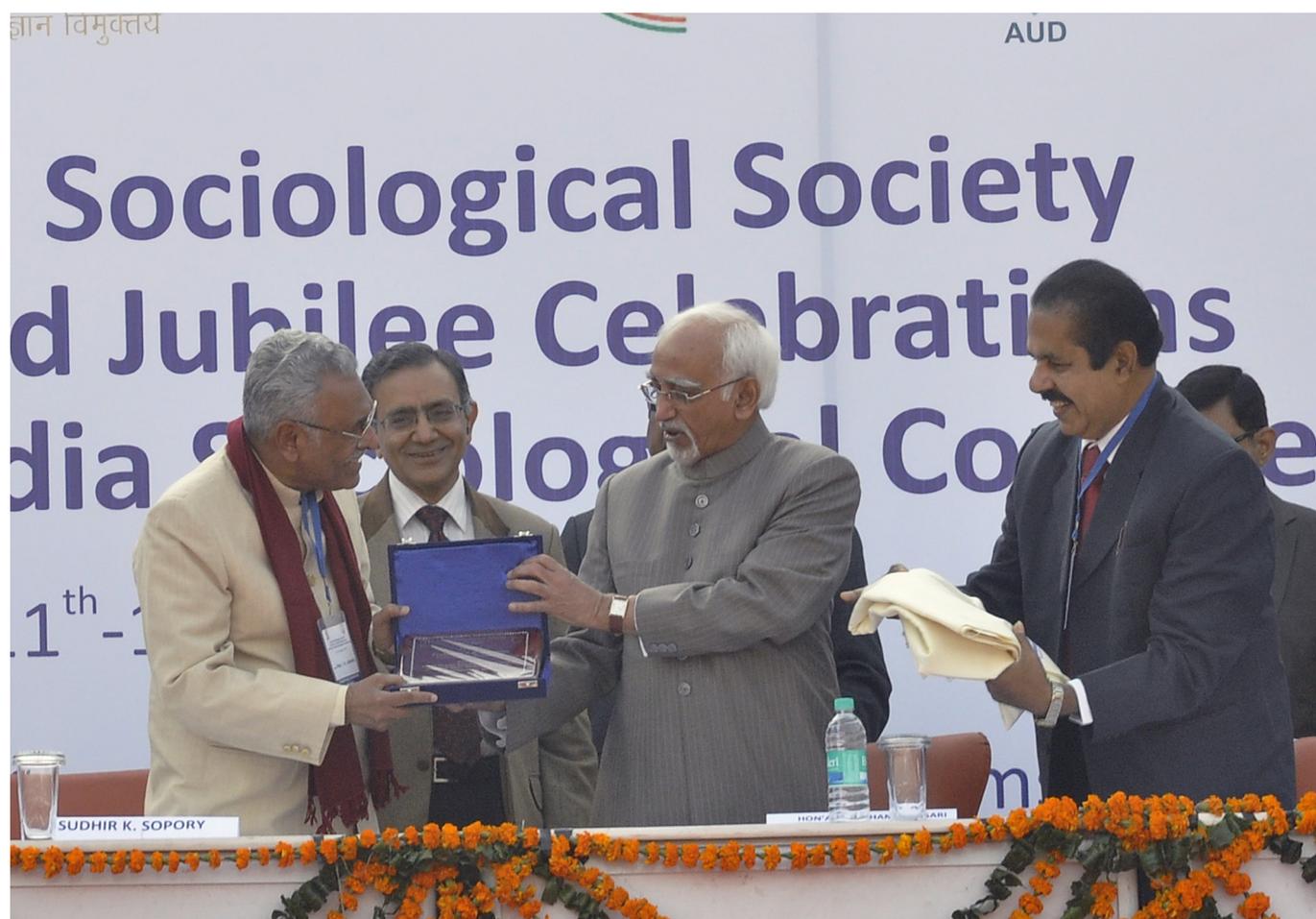
No encontro geral deles, membros elaboraram e passaram várias resoluções: facilitar a cooperação entre sociólogos dos países de língua Turca e facilitar a cooperação entre sociólogos Russos e Turcos. Representantes de universidade da Turquia e de Ufa aceitaram organizar intercâmbios entre professores e estudantes, e no banquete, a troca de presentes entre sociólogos dos países Turcos simbolizavam suas ligações profissionais e culturais.

O congresso estabeleceu uma Placa Comemorativa para Nariman Aitov (1925-1999), o fundador da escola sociológica de Bashkir. Aitov pertence à primeira geração de sociólogos Soviéticos. Em 1964 ele criou o laboratório sociológico em Ufa e contribuiu com planejamento regional, engenharia social, realizou pesquisas sobre mobilidade social e as consequências sociais da revolução técnico-científica. Ele foi autor de mais de 300 publicações. Em 2000, a Academia de Ciências de Bashkortostan criou o prêmio Aitov para a melhor publicação sociológica.

Em suma, o encontro foi uma evidência da contínua integração cultural e acadêmica entre os países falantes da língua Turca, envolvendo cooperação transnacional e o reconhecimento da diversidade sociológica. Não é de surpreender que sociólogos da Turquia iniciaram um importante papel nesse processo. Os estados da Ásia Central que se tornaram independentes após a queda da União Soviética, assim como o Norte do Cáucaso e partes orientais da Rússia, possuem numerosas populações de língua Turca. Contudo, a integração não é baseada apenas em uma língua comum, mas na troca de ideias da unidade civilizacional – a Eurasiana. Assim, raízes históricas, caminhos da modernização, memória coletiva e tradições culturais foram discutidas como recursos intelectuais para a integração social. Como um organizador declarou: “Embora os países de língua Turca foram separados uns dos outros há milhares de anos atrás, hoje nós podemos falar de cooperação cultural e acadêmica entre esses países”. ■

> O Jubileu de Diamante da Sociedade Indiana de Sociologia

Por T.K Oommen, Jawaharlal Nehru University, New Delhi, Índia, Presidente do Comitê de Organização da ISS e ex-presidente da ISA, 1990-1994



A conferência do Jubileu de Diamante ocorreu durante os dias 11 e 13 de dezembro (2011), na Jawaharlal Nehru University (JNU), New Delhi. A Conferência foi promovida pelo Centro para o Estudo de Sistemas Sociais (CSSS, em inglês), um proeminente departamento de sociologia da Índia. O Professor Anand Kumar, o dinâmico secretário executivo da

Conferência, é um dos membros do CSSS.

A Conferência da ISS (Indian Sociological Society), que agora é anual, possui uma estrutura em três camadas: sessões plenárias (inaugurais, palestras de encerramento e dois memoriais); um simpósio que pode ter lugar como uma sessão paralela; duas dúzias de Comitês de Pesquisa que se encontram separadamente.

Professor TK Oommen homenageado como ex-presidente da Sociedade de Sociologia Indiana pelo Vice-Presidente da Índia, Shri M. Hamid Ansari. Vice-chanceler Sudhir Kumar Sopory está entre eles, e o presidente atual da ISS, Jacob John Kattakayam, à direita, os observa.



Ambas as pré e pós-conferências são organizadas em cidades diferentes daquela é que ocorre a Conferência principal. Nos últimos anos, a conferência de jovens sociólogos é realizada logo antes da principal. Como parte das comemorações do Jubileu de Diamante, duas pré-conferências foram realizadas em Bombay e Lucknow, os dois principais centros onde o ensino e a pesquisa em sociologia iniciaram na Índia.

O Jubileu de Diamante foi inaugurado por um acadêmico-estadista, o Vice-Presidente da Índia, sua excelência Hamid Ansari, que reconheceu a relevância da sociologia na abordagem das crises que mundo contemporâneo está enfrentando e, nesse contexto, sublinhou a importância da sociologia pública. J.J. Kattakayam, o atual presidente da ISS, fez as principais deliberações abordando o tema da conferência, "Sociologia e as sociais na Índia".

A sessão inaugural também testemunhou o costume anual de homenagear marcantes sociólogos indianos. A três deles – S.K. Srivastava (Benares Hindu University), P.K.B Nayar (Kerala University) and J.P.S. Uberoi (Delhi University) – foram dados o *Lifetime Achievement Awards*. Seguindo a tradição indiana de respeito ao antigo, todos os Presidentes vivos foram igualmente homenageados na ocasião do jubileu.

Os temas dos cinco simpósios foram: Sociologia e a Crise da Trans-

formação Social – uma perspectiva internacional; Crises de Governança; Crises de Extremismo; Crises do Desenvolvimento e Questões da Marginalização; Sociedade e Sociologia em Delhi. O primeiro simpósio foi global em seu teor, o último local em seu sabor, e os três restantes foram centralizados na Índia. Ainda assim, o *continuum* global-nacional-local foi coberto. Eu não pretendo comentar tais simpósios, mas é apropriado fazer referência ao primeiro simpósio como se estivesse escrevendo para leitores globais. Houve quatro palestrantes vindos dos EUA, Suécia, Alemanha e Japão. O Presidente da ISA, Michael Burawoy (EUA) me entregou o discurso para que eu o lesse no simpósio. O Professor Burawoy sublinhou a importância dos movimentos sociais para compreender as crises da transformação em andamento, afirmando que ela pode ser tanto um sintoma quanto uma solução. Eu foquei no inextricável entrelaçamento entre a disciplina da sociologia e os fenômenos das crises sociais e transformação. Os outros três palestrantes falaram em referência aos seus respectivos países.

Refletindo acerca do caráter plural do desenvolvimento da sociologia indiana, os assuntos dos dois memoriais foram "Mobilidade Social e Estrutura Social – Para uma Reorientação Conceitual e Metodológica" (o memorial de M.N Srinivas), proferido pelo Professor P.N. Muherjee, e "Dos tipos-ideais à Metáfora – Reconsiderando o

Conceito de Revolução" (o memorial de Radhakamal Mukerjee), proferido pelo professor D.N. Dhanagare, ambos ex-presidentes da ISS. O Professor Dipankar Gupta, um sociólogo relativamente novo, encaminhou a despedida: "Cumprindo a Governança – Cidadania, Crescimento e Desenvolvimento".

Na ocasião do Jubileu de Diamante, um número especial do *Sociological Bulletin*, o periódico oficial da ISS, publicou dois longos artigos: um deles sobre a história da ISS, de autoria do Professor A.M. Shah, e o outro, com uma análise focando os 50 anos do *Sociological Bulletin*, escrito pelo atual Editor, Professor N. Jayaram. Além disto, a Sage Publishers trouxe outros sete volumes de artigos publicados no *Sociological Bulletin*, seis deles de diferentes temas – Sociologia Indiana, Mudando a Casta, Mudança Agrária, Aqueles nas Margens, Educação e Movimentos Sociais – e o sétimo consiste de discursos presidenciais selecionados.

Ao todo, a Conferência do Jubileu de Diamante da ISS foi um evento memorável, em que cerca de 1500 delegados participaram. Este breve relato da conferência pode oferecer subsídios para outras associações nacionais se situarem em uma perspectiva comparada. Mais importante, o evento foi um lembrete aos sociólogos indianos do longo caminho que precisam percorrer. ■

> Estratificação Social nos países do BRIC

Por Tom Dwyer, Universidade Estadual de Campinas, Brasil, e Membro do Comitê Executivo da ISA, 2010-2014



Sociólogos do Brasil, Rússia, Índia e China se reúnem em Pequim para discutir a estratificação social em seus países.

Os quatro países do BRIC, Brasil, Rússia, Índia e China, estão sendo aproximados rapidamente pelas mudanças tectônicas na ordem global. Para entender melhor estes processos e suas implicações para a estratificação interna, sociólogos dos quatro países se reuniram em Outubro de 2011 na Academia Chinesa de Ciências Sociais (ACCS), em Pequim, para discutir a coleção editada por Pielin Li (2011) *Jin Zhuan Guo Jia She Hui Fen Ceng: Bian Qian Yu Bi Jiao* (Estratificação Social nos Países do BRIC). O volume busca ajudar os sociólogos a entender o que une e o que separa estes quatro países.

A formulação original do BRIC se refere a países de grandes extensões territoriais (mais de 3 milhões de quilômetros quadrados), enormes populações (mais de 150 milhões de pessoas) e economias em desenvolvimento com taxas de crescimento (relativamente) altas. Os papers nos permitiram entender que estes três fatores têm consequências empiricamente verificáveis para a vida política e econômica, assim como para a produção de conhecimento. Desigualdades regionais importantes existem nos quatro países. Assim, em comparação com países desenvolvidos, populações rurais relativamente grandes estão presentes; as desigualdades entre as áreas rurais e urbanas são maiores que aquelas encontradas nas áreas urbanas; funcionários públicos ou políticos têm parcelas desproporcionais da riqueza nacional e compõem as “classes médias” em rápida expansão. Quando examinamos seções específicas do livro, algumas dinâmicas comuns aparecem: por exemplo, percentuais crescentes da população melhoraram seu acesso à educação com o tempo mas, apesar disso, importantes desigualdades estruturais persistem e contribuem para a desigualdade. Além disso, como o desenvolvimento econômico em nenhum desses

países seguiu a trilha proposta pela teoria da modernização, há importantes lições que podem ser tiradas para as teorias do desenvolvimento econômico e social.

A identificação de tantos pontos em comum levou a constantes reflexões, ao longo do seminário, sobre a distância entre nossos sistemas de estratificação social e aqueles a partir dos quais as tradições dominantes (europeia e norte americana) de pesquisa e teorização sobre estratificação social foram construídas. Questionamos a relevância da noção tradicional de estratificação, dada a alta mobilidade social, e o fim da ideia de uma “profissão para toda a vida” (muito pronunciado na China e na Rússia, dadas suas transições para economias de mercado). Notamos como a ausência de uma noção de agência na pesquisa sobre estratificação tornou difícil dar conta da formação de identidade e mudança social. Para tornar as comparações entre os países do BRIC mais significativas, vimos a necessidade de desenvolver um entendimento mais profundo de estatísticas nacionais e como o mesmo conceito pode ter um significado diferente em países diferentes.

Embora tenhamos reconhecido grandes diferenças separando os países do BRIC, essas diferenças, e suas consequências para diferentes padrões de ação social e política, se tornarão cada vez mais claras à medida que estes países passem a se conhecer melhor uns aos outros. Entender as diferenças e desenvolver a capacidade de viver junto apesar delas será central para construir um futuro comum, e também para administrar os inevitáveis conflitos. É aqui, talvez mais que em qualquer outro lugar, que a pesquisa sociológica (e antropológica) terá um papel importante. ■